

Antonio Fernandes Gonçalves

Caconde
e a Revolução
Paulista

1933
Tipografia Tigani
CACONDE

*CACONDE E A REVOLUÇÃO
PAULISTA*

Antônio Fernandes Gonçalves

1933

Tipografia Tigani

Caconde

ERRA'TA
AOS LEITORES

Alguns senões gráficos e de redação saltitam neste trabalho.

Entretanto, por serem triviais, os leitores, perspicazes e inteligentes, incumbir-se-ão de corrigi-los.

O AUTOR

Caconde e a Revolução Paulista

DESTINA-SE, diretamente, aos cacondenses, este modesto trabalho.

Fi-lo, sob o influxo do meu civismo, para a posteridade.

Talvês, no gênero, seja singular considerando-se que as histórias locais sempre foram conhecidas, tão somente, através dos arcaouços oficiais e que, na realidade, nulo, senão insuficiente, é o benefício que têm prestado à coletividade, exceto aos estudiosos que, quasi sempre, necessitam de revolve-los para robustecer as suas inteligências e os seus conhecimentos.

Se em todas as localidades fôsse o meu exemplo reproduzido, certamente ter-se-ia cooperado no sentido de que as gerações vindouras lêssem e conhecessem a atualidade, analisando, um a um, todos os episódios “exatos e emocionantes” que se desenvolveram à face da terra e dos homens, em prol da defesa do Ideal comum.

A época atual pertence-nos. Conheça-mo-la, portanto, sob todos os aspetos e imperativos.

Desconhece-la-iam, porém, os nossos filhos e os nossos nétos se, por ventura, as suas façanhas mais palpitantes ficassem à margem de um registro comum, trivial mesmo, pronto sempre a atender os anseios de qualquer espírito investigador.

Não é outro o meu fito que não o de remover e levar para o futuro remoto a história da atualidade, na certeza absoluta de que, com isso, ajudarei a construir o pedestal da consciência e da civilização vindouros deste Caconde secular.

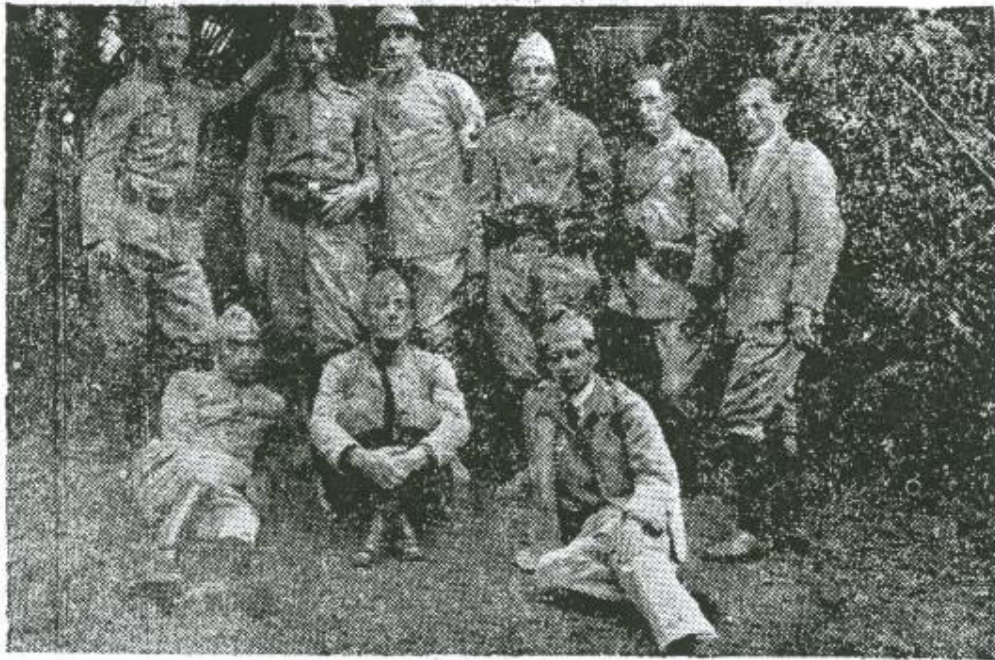
Jamais fui prosador ou escritor. Não me preocupam, aqui, escopos literários.

Logo, não é para a crítica que escrevi este opúsculo.

Testemunha ocular das narrações e dos episódios que nele estão registados, todos, aliás, irrefutáveis, só um imperativo, que é nobre; me fez dita-lo: o da sua finalidade histórica.

Caconde, Abril de 1933.

A. F. G.



Um Grupo de Voluntarios de Gaconde

Um rincão de valores

CACONDE – expressão geográfica pequena situada no rodopelo central do oriente do Estado e plantado no sopé dos contrafortes de Minas-Gerais, - é o que se pode denominar um município rigorosamente bandeirante, de habitantes tradicionalmente laboriosos e de vitalidade inesgotável em todos os ramos, principalmente no do comércio e no da lavoura, que é opulenta e exuberante.

Caconde não possui comunicação férrea. Está, por assim dizer, na garganta das colinas, que a mão do destino plantou e a natureza floriu.

Entretanto, porque tem estradas de rodagem, recebe constantemente o seu povo o abraço fraternal de todo o Estado e de quasi todo o Brasil.

A sua história lembra os velhos montanhezes de vontade inflexível e de coração consideravelmente generoso que aqui vieram sulcar a terra fecunda, semear os primeiros cafesais, criar o primeiro gado, construir o edifício inicial da religião crista e, conseqüentemente, assentar a pedra angular da sociedade, tudo isso realizado ao influxo de um único e nobre objetivo: prosperar para ter fortuna; ter fortuna para prosperar.

Foi assim que brotou Caconde das entranhas da mãe¹ comum.

A' civilização dos Caiapós e dos cativos foragidos que aqui se estabeleceram em promiscuidade com os bugres, antepoz-se a civilização dos brancos como pérolas atiradas ao coração de ribanceiras matagosas.

Os filhos de Caconde, têm pelo torrão natal a radicação e o apego, o sentimento afetivo e o sentimento de combatividade que têm os paulistas por São Paulo e os brasileiros pelo Brasil.

É honra ser cacondense. Identificado com a terra e os costumes locais, o cacondense se orgulha e se envaidece de viver em Caconde e para Caconde.

Os seus alentos de vida alimenta-os com o mais puro dos oxigênios – imperativo de sanidade que higienisa e robustece o seu corpo e o seu espírito.

¹ “mãe”; “mãe”.

O poder Divino concedeu a Caconde as graças de uma felicidade rústica, porém, robusta, sadia, porque brota da terra, roças as florestas, remanceia-se no céu e, por fim, projeta-se nos homens como um clarão deslumbrante que não se apaga jamais.

Em tão formoso rincão, beijado pelo céu e abraçado pelas colinas, os cacondenses se confundem numa legenda de significação superiormente cívica e moral: - nobresa e recusa.

O filho deste berço é nobre na paz, no trato, no labor, vivendo para acumular energias sempre novas, que vai sucessivamente empregando nas fontes geradoras de um progresso útil e fecundo, a bem de sua gente e de sua terra.

Trabalha e constrói sem ambição tacanha. Movido sempre pelas determinações sociológicas que se manifestam na vida dos povos êle é mais humano à sua terra que a si próprio.

Não é impelido. Impele-se sósinho.

É nobre e recatado nos gestos e nas atitudes. Espontâneo e generoso às lamentações dolorosas dos aflitos e dos infortunados. Fidalgo e afável nas maneiras de tratar.

A recusa é, todavia, a arma de que se prevalece também contra o mal praticado, o gesto exabruto, o sentimento rasteiro, a palavra impensada e, finalmente, contra todos e contra tudo que se não edifique sobre a base de perfeição humanamente social e socialmente humana.

Reprovar todas as manifestações estéreis, todas as idéias malbaratadas, todos os princípios dissolventes das realidades intangíveis locais e nacionais, eis, em síntese, como se conduz o cacondense no terreno dos pronunciamentos políticos, sociais, materiais e espirituais.

Daí, o não existir, portanto, força capaz de demove-lo da rota em que se permitiu palmilhar, edificando, destarte, inevitavelmente, a coluna do ideal de civilização sempre modernizada pelo advento das novas conquistas humanas.

De pé, pela Lei.

SÃO PAULO, sob as cinzas da fogueira de 1930, viveu submetido ao domínio e às imposições de um novo estado de cousas que a revolução havia criado, de sorte que, em vários períodos, sentiu-se mentido na sua cultura e nas suas tradições de progresso e de soberania.

Mas a alma bandeirante pairou acima dessa metamorfose política como expressão imortal de uma raça de gigantes.

Nunca se extinguiu, embora houvesse adormecido.

E a alma bandeirante é como a alma do gênio. Retrai-se, em silêncio e em segredo, para expandir-se, depois, à luz das multidões.

Em 23 de maio de 1932 ela se despertou no delírio do pensamento das massas e a 9 de Julho marcialmente explodiu, rutilante, trazendo nas suas azas brancas a consagração desse pensamento consubstanciado na invocação dos postulados jurídicos do Brasil.

Nessa data memorável, em todos os rincões remotos de Piratininga, dominou a mesma fé cívica, repercutiu o mesmo sentimento afetivo de brasilidade para a consagração de todos os espíritos, a fremencia de todas as almas e o consorcio de todos os corações.

E a brava gente paulista mobilizou-se, então, a golpes de vontade espontaneos, para a luta, a grandiosa luta de defesa fulminante das instituições liberais e dos estatutos políticos do nosso país.

A campanha da idéias pelas idéias, o sentir da justiça, o ideal eminentemente condensado na fórmula profundamente nacionalista de reintegrar-se o Brasil no domínio de si mesmo, foram, como ainda hoje o são, os imperativos que justificaram os anseios do povo e que, ao mesmo tempo, deram amplitude moral ao formidável e incomparável movimento armado que São Paulo encabeçou, dirigiu e sósinho defendeu.

Mau grado o desfecho que teve, cobriu-se São Paulo de luto, é verdade, sem deplorar e sem arrepende-se, entretanto, da atitude guerreira que assumira sob os impulsos e as emoções dos seus sete milhões de habitantes.

Povo assim tão abnegado e herói, tão forte e bravo, será no futuro o que tem sido no passado, queriam ou não os seus inimigos, porque contra o seu sentir e o seu animo inquebrantável não há armas belicosas que o possam vencer.

Improvisem-se democracias pitorescas, tragam-se à tona das discussões justificativas feitas no sabor de engenhosas e cândidas mentalidades, que a atualidade reúne, e tudo isso não conseguirá, em absoluto, falir a consciência de tão nobre povo, que está vencido, mas não convencido.

Sob as cinzas do ideal que não morre, aquecer-se-á de novo, a alma de Piratininga.

O eco da Revolução

10 *DE JULHO!* Um boato correu nas azas do vento com a impetuosidade do relâmpago, chocando todos os ouvidos numa apreensão estranha de todos os espíritos.

Revolução paulista? Porque? E as indagações saltavam, aqui e acolá, semelhantes a um enxame que andeja no espaço ao redor de si mesmo, enquanto não divisar e atingir a primeira moloca ou o primeiro ramo em que possa assentar-se para construir, em definitivo, a sua colméia.

E assim teve início o mais lindo drama, o mais comovente da história de Piratininga, que, mais tarde, se desfez na tragédia da traição.

Os habitantes deste rincão longínquo da metrópole suspenderam, então, da terra, por um instante apenas, as suas charruas, as suas enxadas, enfim, todos os seus instrumentos agrários, - armas da paz e do trabalho, mais fortes que as da guerra, que destroem e assassinam – fecharam o livro, emudeceram a pena, estacaram o carro de bois, trancaram o comércio, imobilizaram as oficinas e ergueram, numa parada cívica, todas as suas consciências, afim de que pudessem examinar e conhecer toda a extensão dos motivos que levaram São Paulo a levantar-se em armas contra a Ditadura.

Chegam jornais. Notícias do movimento. Comentários variados. Telegramas. Telefonemas. Radio. Boatos. Viajantes que, pressurosos, vêm e voltam.

E. destarte, logo se formou na consciência do povo o senso da realidade, da inevitável realidade de revolução e dos ideais que defendia.

Começou, daí, o delírio, a sêde do triunfo e da glória de São Paulo, tudo pela redenção e felicidade do Brasil.

Efetivamente. Se nobre foi a causa pela qual São Paulo se debateu, mais nobre e fecundo ainda foi o espírito organizador da brava gente de piratiningana, que se despojou de tudo, desde as produções da terra até o sangue que jorrou nos campos da luta, regando o sólo “dádivo e bom” que tantas vezes há produzido celeiros inesgotáveis, mercê da capacidade de trabalho dos paulistas.

O povo cacondense, tendo, pois, assim, a visão da grandeza do movimento, lutou, trabalhou e atendeu a todos os apêlos fossem da espécie que fossem, porque a sua finalidade era poderosamente nobre e nobremente poderosa.

Trabalhou, aqui, o camponês, o roceiro, trabalhou o operário, o jornalista, o agricultor, o industrial, o funcionário público, o comerciante, o bacharel, o professor, o médico, o dentista, o farmacêutico, o sacerdote, o capitalista, o motorista, a criança, a mulher, enfim, todos e até mesmo os que se dizem, hoje, amigos da Ditadura.

Do abastado ao humilde, sem discrepância de idéas, de religião, de côres, de nacionalidade, o mesmo entusiasmo, o mesmo ardor cívico, a mesma vontade de colaborar, de cooperar para o bem de São Paulo e para a vitória do ideal comum.

Ancia de ser útil à Causa

NOS primórdios da luta, Caconde já se integrara no movimento bandeirante. E, então, o seu concurso se fizera notar de forma imediata e notável.

Num mesmo pensamento todas as consciências se congraçaram. Os cacondenses, de corações tão grandes como a grandeza do ideal, na ancia, ofereceram a São Paulo o quinhão de suas possibilidades e de suas reservas latentes.

Todavia, impunha-se, antes de tudo, a criação de um órgão técnico que superintendesse todos os serviços da guerra, de sorte que se coordenassem todas as inergias, todas as iniciativas, evitando-se, assim, as naturais confusões e controvérsias que surgiriam se esse órgão, por acaso, não viesse a existir.

Para atender, portanto, a tão útil escôpo, organizou-se o M. M. D. C. de Caconde, cujos trabalhos ficaram confiados à direção clarividente e patriótica de cavalheiros do mais representativo conceito moral e social como sejam o Dr. Francisco Cândido da Silva Lobo, o Dr. Carlos Sampaio Formosinho e os Srs. José Francisco Borges Júnior, Pascoal Mazili Netto, Afonso Moreira e Antonio Augusto de Araújo.

Instalado esse departamento, trocaram-se idéas, discutiram-se realizações e estabeleceram-se normas. O sentido da coordenação e da orientação estava, pois, de pé.

Portanto, daí para diante, nenhum obstáculo antepor-se-ia à boa marcha dos serviços auxiliares que, em Caconde, fossem úteis à guerra.

A Cruz Vermelha Cacondense

A RÉFREGA estava consumada. Indícios de choques com o inimigo já apontavam nos horisontes, ao longe rubros.

Entre a duvida e a certeza de vir, oscilava a colaboração prometida pelos governos dos pampas e das montanhas.

Corria de bocca em bocca que uma companhia de soldados da Lei viria ocupar Caconde.

São José do Rio Pardo e Mococa já estavam guarnecidas.

Urgia, por isso, a organização da Cruz Vermelha local, com todos os elementos de pronto socorro àqueles que, doentes ou feridos, dela tivessem necessidade.

De mais a mais, não poderia faltar também assistência às famílias que aqui ficaram dos soldados do destacamento local, que fôram chamados para São Paulo e dos que, voluntariamente, viessem a partir para as linhas de fogo.

Os pobres, os humildes, - de pés descalços, farroupilhos, peitos em chagas, - eram outros tantos necessitados que não dispensariam, quiçá, qualquer concurso moral e material.

Assistência hospitalar e doméstica. Tudo se preveu. Reuniu-se, pois, a sociedade citadina. Fundou-se a Cruz Vermelha. Instalou-se o hospital de sangue. Organizou-se o serviço de assistência material e a domicílio.

Tudo isso, porém, previsto e realizado pelo raciocínio do Dr. Carmo Mazili, expressão moça de radiante simpatia e de larga projeção profissional e social no amplo círculo de suas relações interiores e exteriores.

À frente dessa organização de resultados incontestáveis e fecundos, o Dr. Carmo Mazili, que é cacondense, contou sempre com o apoio, o concurso e o aplauso dos seus conterrâneos e, em geral, dos habitantes do município.

Foram convidados e puzeram-se a disposição da Cruz Vermelha todos os médicos desta localidade: Drs. Carmo Mazili, Domingos Placo, Francisco Cândido da Silva Lobo e Salvador Ielo, bem como os farmacêuticos Ernesto Figueira de Melo, Amadeu Donabela, Francisco Barboni, Dante Alighieri Ielo e Ozório de Almeida. Os dentistas também ofereceram o seu concurso, que foi aceito. Moacir Vargas de Sousa, José Fraissat de Almeida e Jarbas Leme.

O povo, tanto da roça como da cidade, atendeu prontamente ao primeiro apêlo. Gado, cereais, tecidos, leitões, objetos de uso doméstico, dinheiro, tudo era entregue à comissão diretora, a mãos cheias, com prazer palpitante, porque tudo se destinava ao bem de São Paulo.

E a Cruz Vermelha não traiu a sua finalidade. Careterisou-se² pelo notável concurso que prestou, daí a dias, a muitos soldados e famílias, a muitos pobres pedintes.

No Hospital de sangue foi prestada assistência médica a vários rapazes voluntários.

Esse departamento era dirigido profecientemente pelo Dr. Carmo Mazili, que teve a auxilia-lo vários enfermeiros profissionais, que vieram da Capital.

Os serviços da Cruz Vermelha desta cidade foram confiados à direção da Associação das Damas N. S. Aparecida, cuja diretoria estava assim organizada: d. Luiza Capato Eckmann, diretora; d. Lídia Nigro Conceição, vice-diretora; d. Maria Angélica Nogueira, 1ª secretária; d. Celisa Teixeira Nigro, 2ª secretária; d. Djanira Soares Barbosa, tesoureira e d. Maria Amélia Bandeira, almoxarife.

O hospital de P. S., que funcionou na sede da Sociedade Italiana, cuja diretoria gentilmente o cedeu para esse fim, dispunha de todo o material cirúrgico e drogas que o médico chefe do Abastecimento em Casa Branca havia remetido. Os donativos feitos sem³ dinheiro atingiram à importância de 2:876\$600.

² “careterisou-se”: “caracterizou-se”.

³ “sem”: “em”.

Deduzidas as despesas restou um saldo de 18\$900 que a diretoria entregou à Caixa Escolar desta cidade.

Baixando ao hospital de P. S. receberam tratamento os seguintes soldados constitucionalistas: cabo Ernesto Zink, Mauro Puzili, Álvaro Bessani, Celso Monteiro, Álvaro Esmi, cabo Ascendino dos Santos, Manoel Sousa Júnior, Odinaldo Silva, Moacir A. de Sousa, Francisco Carbone, Celso Camargo Andrade, Lazaro Leite Silva, José de Lima, Sargento Benedito de Oliveira, João de Sousa, Sargento Marcolino José de Oliveira, Álvaro Bressani, João Martins Prado, cabo Hércules Piticie, Francisco Cardoso, cabo Arnaldo Paulo, Daniel dos Santos e Edmundo Plácido Chiove Gato, sendo os últimos 5 do batalhão “Francisco Glicério” e os demais do “Veteranos de Campinas”.

Ainda se internaram no hospital, Álvaro França, de Ribeirão Preto, João Lima, de Altinópolis, Sargento Marcolino de Oliveira e bombeiro José, da Força Pública do Estado.

Para cada um deles havia uma guia para internação, assim como uma ficha clínica.

Afim de servir à causa foi posto à disposição da Cruz Vermelha o caminhão da Prefeitura que, para esse fim, foi adaptado⁴ convenientemente.

Entre os que mais se distinguiram no serviço de enfermagem – justiça seja feita – destacaram-se d. Antônia Tortoreli Marino e senhorita Joaquina Pulici, que foram incansáveis e dedicadíssimas.

A mulher cacondense

A MULHER PAULISTA – di-lo a história – esteve sempre a serviço das grandiosas cruzadas cívicas e morais, ora confortando os humildes, ora fundando instituições de benemerência, ora solucionando interesses ligados a classes e agremiações pias, de sorte que um fim era sempre visado, - o Bem Humano.

Os exemplos manifestos do sentimento de nobresa da mulher paulista não os regista apenas a história. Eles pululam aí, evidentes e incontestes, à luz dos nossos dias e da nossa consciência. E contam-se aos milhares.

⁴ “adaptado”: “adaptado”.

A mulher cacondense – filha das mesmas entranhas – Piratininga inegalavel – tudo fez, tudo sonhou, tudo arquitetou para o bem de São Paulo. A sua contribuição, de valor intrínseco à marcha dos acontecimentos, fê-la subtrair-se aos misteres do lar privado para construir e dirigir o grande lar do soldado da Constituição, em benefício do qual empregou o máximo de suas energias, nada lhe deixando faltar.

Se os homens partiram para a vanguarda da luta, constituindo-se o exército de sangue, na retaguarda, - vigilante, emocionada, forte, - pensamentos paulistanizados e cristalizados na sutileza do ideal comum, a mulher cacondense, sem exceção, velhas e moças, decidiu-se galhardamente, a combater também, a lutar pelos mesmos princípios e idéas, responsabilizando-se pela assistência moral e material aos soldados, de maneira completa e irrepreensível.

Cosendo, lavando, cosinhando, apelando, acantonando, enfermando, confortando, eis a sublime investidura que competiu à mulher cacondense e à qual deu desempenho cabal, sem jamais desfalecer.

As Mazili, as Marçal, as Nigro, as Fanueli, as Lobo, as Borges, as Moreira, as Tortoreli, as Maia, as Barbosa, as Capato, as Consentini, as Néri, as Biondi, as Antonini, as Maringoli, as Barboni, as Reis, as Paiva, as Cardoso, as Cocaro, as Portugal, as Nogueira, as Araújo, as Olzon, as Donabela, as Mates, as Infantini, as Guidi, as Lemes, as Rubo, as Jorge, as Sousa, as Lopes, as Rachid, as Abdo, as Manzo, as Franqui, as Vasconcelos, as Pulici, as Cassiano, as Dias, as Pereira, as Berozi, as Guimarães, as Bitencourt, as Castros, as Costa, as Lacerda, as Corpa, as Lelis e tantas outras que seria difícil enumerar, tudo fizeram e em tudo contribuíram, corroborando no trabalho do homem, na caminhada dolorosa da guerra, prol da grandeza do Estado e da Pátria estremecidos.

Tudo isso porque os corações das mulheres cacondenses são formados de parcelas dos céus, como afirmou Biron.

A voz do civismo

REGISTRA a história, exemplos de impulsos tão violentos que não há força capaz de suste-los. O animo com que são impelidos não se abate nem diante da catadupas das maiores caudais.

No dia 12 de Julho fora o povo e especialmente a mocidade convocados para uma reunião que se realizou no salão nobre da Prefeitura local. Ali deveriam estudar o meio mais fácil e rápido de se atender às aspirações dos moços que desejavam incorporar-se, voluntariamente, ao exército constitucionalista.

Alistamento, equipamento, transporte, etc.

Essa assembléa, cheia de vida e entusiasmo cívico, foi presidida pelo Dr. Francisco Cândido da Silva Lobo.

O Dr. Lobo, sempre risonho e comunicativo, de maneiras fidalgas, extremamente modesto, é um conceituado médico baiano, que reside nesta cidade vai para 40 anos, onde se radicou, onde se notabilizou não só pela sua integridade moral e profissional, senão também pela visão que sempre teve e tem dos panoramas políticos nacionais, nele se imiscuindo, em todos os tempos, com a sua ideologia profundamente democrática, retemperada ao sabor de uma cultura irradiante, de que, com justiça, tanto se orgulham os cacondenses.

Expostos os fins da reunião pelo Dr. Lobo, surgiram, a seguir, as opiniões sobre o assunto em foco.

Duas vozes cacondenses, robustas, eminentemente patrióticas, levantaram-se pelos moços desta terra, fazendo prevalecer a vontade dos que, de qualquer maneira, livres quaesquer formalidades e preparativos, desejavam partir imediatamente para São Paulo, onde, então, alistar-se-iam nos batalhões de voluntários, em organização.

Ranieri Mazili – moço idealista, pertencente a uma das mais distintas e tradicionais famílias de Caconde, - com o seu verbo sinceramente inflamado, fez uma rápida, porém, sensata análise do movimento paulista e dirigiu um apelo fervoroso a todos os bons brasileiros desta terra, concitando-os ao cumprimento do dever e porque “o momento era de ação e não divagação”, esperava que fosse imitado na sua atitude, pois, no dia imediato partiria para a luta, sem medir sacrifícios.

E partiu. Bravo cacondense! Nas suas pegadas, cerca de 100 irmãos seus partiram também, depois, para a vida ou para a morte.

Raniére Mazili foi o 2º filho de Caconde que partira para a luta.

O exemplo da honra e do dever tinha-o dado já o jovem bacharel cacondense, Dr. Alcides Vargas, de quem noutra capítulo falarei.

Antonio Antonini, uma das mais esperançosas inteligências de Caconde, figura de relevo na sociedade e nos meios culturais tanto daqui como de fora, tendo-se notabilizado em todas as campanhas cívicas que se têm se realizado levantou a sua voz

e levantou-a com veemência e desassombro contra o governo ditatorial, solidarizando-se com a generalizada e indestrutível corrente de opinião que sacudiu São Paulo, pondo-o de pé pela restauração da Lei e unificação do Brasil.

O verbo de tão talentosa expressão moça, que ainda, depois, por várias vezes se fez ouvir, teve larga repercussão.

Mais alguns dias e Antonini, acompanhado de outros moços desta terra, partia para São Paulo, alistando-se no batalhão da Justiça.

Entretanto, apesar de ter decorrido essa reunião num ambiente de profunda significação cívica, nada ficou definitivamente deliberado, das as controvérsias que nela vieram à tona.

A voz das ruas

***O** PRONUNCIAMENTO popular, nos comícios, atingiu, nesta cidade, a suntuosidade de um expressivo acontecimento, inegalável nos fastos da história municipal.*

O pensamento das massas, a opinião inabalável e o firme propósito que firmou a coletividade ao lado da luta de reivindicação dos seus direitos, encontraram na voz das ruas os seus interpretes fieis, que, no flagrante do delírio aceso, iluminaram ainda melhor as consciências dos homens, ao pé do facho radiante de suas palavras de fé e de confiança nos gloriosos destinos a que São Paulo era arrastado pela guerra.

Vários foram os comícios promovidos. E os pregoeiros do ideal emprestaram à causa o máximo do seu talento e dos seus argumentos convincentes.

A brilhante corporação musical “Santa Cecília”, proficientemente dirigida pelo maestro Mozart, poz-se á disposição do povo, cooparticipando, assim, dos seus anseios.

Às 19 horas do dia 12, pavilhões nacional e paulista desfraldados, o povo cacondense estacionara à praça Rui Barbosa.

Era encantadora a noite. No céu azul espetavam-se miríades de estrelas em cintilações de prata. Até a natureza se debruçava sobre o pedestal da humana civilização para acariciar-lhe o sentido real de suas legítimas aspirações.

Rompe o Hino Nacional pela “Santa Cecília”.

Abre o comício Raniére Mazili. Vibrações intensas. Desfila, depois, o cortejo cívico gigante. Orações e musica!

Em frente ao estabelecimento comercial de Mazili & Comp. fez uso da palavra o provéto advogado Dr. Honório Dias de Siqueira.

Moço sobejamente conhecido pelas suas excelentes qualidades de caráter e cultura, apesar de não ser filho desta terra, o Dr. Honório aqui se identificou, vivendo no coração de todos como expressão valiosa aos interesses sociais, culturais e políticos da localidade. É sincero e coerente. Não vacila e não retrocede. É sensato, sobretudo. Falou nesse dia como um bom paulista. Falou e escravizou o espírito popular.

No dia seguinte partia o Dr. Honório a cumprir o seu dever, incorporando-se no batalhão da Justiça. Fazendo a campanha do setor de Amparo, ali caiu prisioneiro, sendo remetido para a ilha das Flôres, donde regressou, terminadas as hostilidades.

A multidão entusiasmada rumou para a residência de Antonio Antonini. Aí o simpático orador cacondense pôz em relevo, mais uma vez, toda a significação do movimento bandeirante.

A seguir, os manifestantes foram bater á casa do Dr. José Maria de Lacerda, que fez uso da palavra.

Velho paulista, de gestos largos, de atitudes desassombradas, de fibra inflexível, pertencente à estirpe notável dos Lacerda revolucionários, o conceituado engenheiro falou da revolução com alma de moço, deixando-se impressionar pelos conceitos expendidos, concitando, por último, a todos que trabalhassem dentro de suas possibilidades pela vitória do ideal comum.

Depois, em frente à minha residência, dirigi-me também à multidão, encarecendo a revolução e exortando todos ao cumprimento do dever.

Após, dirigiram-se os manifestantes para a residência do conceituado advogado Cap. João Hortencio Vargas, o qual, num improviso expressivo, teceu um hino à mocidade estuante de civismo desta terra, aconselhando-a que fosse “valente na guerra como na paz o havia demonstrado ser tantas vezes”.

Por último falou ao povo em sua residência o Dr. Pompilio Conceição, integro Juiz de Direito da comarca.

Recatado nas suas ponderações, fez sentir ao povo a necessidade de calma e prudência, afim de que não se verificassem excitações menos dignas, tão comuns em pronunciamentos populares. Dentro da Lei, com a Lei e pela Lei, todos deveriam lutar não só para o bem de São Paulo como do Brasil, concluiu S. Exa.

Finalmente, à praça Rui Barbosa, dissolveu-se o comício, sem ter-se registado incidente algum. Foi nesse dia memorável que a alma de Caconde vibrou, sacudida pelo mais expressivo sentimento de varonilidade cívica.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

No dia 13, novo comício. Agora, na séde do Club Fenianos. Eram 15 horas. Havia chegado de São José do Rio Pardo uma caravana de voluntários. Cinco moços da invicta coluna Romão Gomes. A coluna da bravura e do heroísmo. Foi, neste setor, uma fulminante expressão guerreira. Invencível, impoz-se a todas às ofensivas inimigas, graças à coragem, à tática e à lealdade do valente bacharel-soldado Romão Gomes, cujo nome passou à história como símbolo de projeção racial que aos paulistas faz honra.

Em frente ao “Club Fenianos” a praça Rui Barbosa regorgitava de povo, sequioso e emocionante. Povo pequeno integrado numa causa tão grande.

Bandeiras e música. Espetativa⁵ geral. Fez a apresentação dos caravaneiros o Dr. Francisco Cândido da Silva Lobo.

A seguir, discursaram todos os membros dessa caravana. Ainda, depois, fizeram uso da palavra Raniére Mazili e o autor deste trabalho.

Todos os oradores, emitindo conceitos oportunos, apelaram para o patriotismo da mocidade cacondense, convocando-a e concitando-a ao cumprimento do dever, que São Paulo reclamava de todos os seus filhos.

E a resposta não se fez tardar. Aberto ali mesmo o livro de inscrições, cerca de 80 pêssoas se alistaram expontaneamente

Entre eles, alguns velhos e estrangeiros. Causou simpática impressão, alistando-se também, o gesto do respeitável velhinho – o Sr. Bretãs – figura insinuante de mineiro que por São Paulo tem trocado o seu coração.

Às suas cans mirou-se a juventude, que, então, mais depressa, deu o seu passo à frente.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

⁵ “espetativa”: “expectativa”.

Chegou o dia 16. Eram 17 horas. Sábado. Véspera da ocupação de Guaxupé pela coluna Romão Gomes.

Estiveram nesta cidade outros cinco jovens paulistas. Vieram, como os primeiros, trazer também aos cacondenses a certeza da verdade do ideal defendido por São Paulo.

Era a caravana que vinha percorrendo todo o interior da alta Mogiana.

Apresentou-a ao povo o Dr. Lobo. Falou, a seguir, o Dr. Rui Galvão, promotor público da comarca.

O Dr. Galvão – natural de Mato-Grosso – é uma dessas figuras moças que péssam as expressões e médem os gestos. É conciso e elegante. Traz sempre o seu pensamento burilado à luz de uma cultura sadia e de uma erudição que faz inveja. Tudo isso, paralelo a um caráter sem mácula.

A oração do Dr. Galvão repercutiu no espírito popular como uma lição de pura brasilidade.

Depois, Antônio Antonini, o orador predileto, falou novamente. Desta vez foi invulnerável. Produziu uma oração profundamente paulista, patrioticamente nacional, acusando e acutilando a Ditadura, no que foi esplendidamente aplaudido.

Falara, em seguida, todos os caravaneiros visitantes. Cada qual mais concludente e persuasivo. Entre eles, porém, distinguia-se a personalidade do Dr. Boaventura, advogado na capital do Estado, que soube arrancar aplausos e apartes simpáticos do povo, mercê dos conceitos judiciosos com que vestiu a sua brilhante e empolgante oração cívica. Antes de encerrar-se o comício, a graciosa senhorita Irma Bitencourt falou também em nome da mulher cacondense, tendo lido uma formosa e expressiva oração, que foi apreciadíssima por todos.

A este comício compareceu espontaneamente a corporação musical “Santa Terezinha”, do simpático maestro José Tigani.

XXXXXXXXXXXXXXXX

Um gesto dignificante

D*URANTE o transcurso desse comício foi feita uma coleta entre o povo, cujo produto se destinou à compra de cigarros, guloseimas e outros artigos que foram*

remetidos, em caminhão, para os soldados da Lei, que se achavam acantonados na vizinha cidade de São José do Rio Pardo.

As importâncias oferecidas eram depositadas sobre as bandeiras nacional e paulista que, para esse fim, eram carregadas por cavaleiros, senhoras e senhoritas da nossa sociedade.

A bandeira nacional foi confiada a João Nigro, d. Antonieta de Almeida Nigro e senhora Maria Cardoso e Ana Nigro.

O pavilhão paulista a Francisco Nigro, Francisco Tortoreli e dd. Celisa Teixeira, Maria Angélica, Maria Amélia e Luiza Capato.

Belo gesto esse que o povo soube compreender e retribuir.

XXXXXXXXXXXX

Em Tapiratiba

TAPIRATIBA é um pingo engastado no território de Piratininga. Todavia, palpita ali, também, o coração de um nobre povo. É o povo irmão, por excelência, de Caconde. Conheço-o em todos os seus detalhes e em todos os seus aspetos porque com ele convivi durante 5 anos, período curto, aliás, para tão numerosas relações de amizade e simpatia que lá conquistei.

Os encantos da natureza, a opulência da terra e a exuberância e prodigalidade dos elementos produtores que ali palpitam, constituem motivo de justo orgulho da gente tapiratibana que fez daquele recanto pequenino um formoso jardim florido, acariciado sempre pela brisa volúvel dos quadrantes, sob um céu profundamente místico, invariavelmente profundo.

Tapiratiba correu também, em peso, ao grito de guerra. Acorreu e trabalhou.

O sangue de um bravo tapiratibano que partiu e não voltou tingiu de rubro o solo paulista e o seu corpo eternamente quente se divinisa, se santifica, nas quebradas do tempo, qual símbolo de um herói, que a história jamais olvidará.

No dia 17 de Julho, às 18 horas, organizada por mim, rumou com destino àquela cidade a caravana cacondense, que levou ao povo irmão e amigo, o abraço do mesmo ideal.

Eu, o Dr. Lobo, o Dr. Carmo Mazili, o Dr. Lacerda, o Antonini, o Pascoalino Mazili, o Calimério, o Alcides Mazili, o Francisco Maia, o Domingos Mazili, o Juca Costa, o Candinho Lacerda, o Dib João, o Antonio Samuel, o João Maia e outros mais cujos nomes não me vêm à mente, lá chegados, fomos todos recebidos, à entrada, entusiasticamente, pelo Dr. Luis Pereira de Toledo, prefeito municipal, pelo Ernesto Tranquilini, um dos grandes benfeitores daquela terra, pelo Oswaldo Rehder, pelo Dante Perri, pelo Frederico Martinéli, pelo Pio José Lopes, pelo Cristovam Peres e pelo Jerônimo de Carvalho.

Conduzidos ao jardim público – local do comício – recebeu-nos o povo de Tapiratiba, ao som do Hino Nacional executando pela banda musical da cidade, competentemente regida pelo distinto jovem Vitor Félix.

Suponho que todos os lares daquela cidade se tivessem fechado e que todos os seus habitantes – homens, senhoras, senhoritas e crianças – viessem à praça para ouvir a palavra cívica dos pregoeiros do ideal, comungando-se na mesma fé e na mesma verdade.

Abri o comício, apresentando ao povo os meus companheiros de jornada.

A seguir, falaram o Antonini, o Dr. Lacerda e o Dr. Lobo.

Por último fez uso da palavra o Dr. Luis Pereira de Toledo. Falou patrioticamente. A sua palavra de fé foi uma incomparável lição de genuína brasilidade.

O Dr. Luis é impecável. Conheço-lhe os predicados de cultura e de sabedoria científica, que alhures perscrutei.

Exalça os seus conhecimentos multiformes das cousas e dos homens, a par de uma conduta moralmente irrepreensível e civicamente brasileira.

Absorver o nosso tempo ao contato da sua mentalidade é criar um meio de expansões à nossa inteligência, certos de que em muito será robustecida.

Com tamanhos dotes a sua palavra foi, pois, ouvida religiosamente, encantando e convencendo.

Desfeito o comício, voltamos para Caconde, trazendo nos ouvidos o eco das ovações daquele povo e no coração o seu afeto sincero.

Os escombros da política piegas, feita de ilusões e mal entendidos regionaes, destroem-se assim, de sorte que, destruindo-se ressentimentos, solidificaram-se uniões, si é que, por acaso, extremecimentos parem alhures.

Voluntários de Caconde

O CURSO da luta ia-se desenvolvendo em todos os redutos norte e sul, numa esplendente focalização de beleza cívica que impressionava a toda gente.

20 de Julho. Partiram para São Paulo os primeiros voluntários cacondenses. Na virgem atitude dos moços compreendia-se todo o seu amor por São Paulo, toda a sua vontade de lutar e vencer.

O Raniére, o Antonini, o Dr. Honório, - corações alegres – lá foram para a defesa dos brios bandeirantes.

Consequentemente, outros voluntários partiram, dando Caconde perto de uma centena de soldados para o exército Constitucionalista.

A lista completa desses bravos cacondenses é a seguinte:

BATALHÃO DA JUSTIÇA

Octacílio Nogueira, Francisco de Assis Maia, Ari Vargas, Pedro Biondi, Roque Fanuele, Bento Martins, Severo Mongeli Primo, Valdemar Borges, Carmo Liuzi, Emílio Mates, Maurílio Blasque, Salvador Infantini, João Araújo, sr. Honório Dias de Siqueira, Antonio Antonini, Ediaulas Paiva Botelhos, Pedro Prado, Francisco Rebouças e José Blasque.

Receberam batismo de fogo no setor de Lindóia-Socorro, e tomaram parte na retirada de Amparo.

BATALHÃO DO OESTE

Florêncio de Sousa, Elpídio Marques, Dante Fanuele, Geraldo de Castro, Roldão Bitencourt, Raimundo Goulart, Joaquim Cassemiro, Arnaldo Jandson, Pedro Maria, Isalino Paiva Mendes, Oscar Paixão, Guilherme Poli, José Alicério e Sebastião de Oliveira Franco.

Receberam batismo de fogo no setor de Alagôas.

BATALHÃO FRANCISCO GLICÉRIO

Mário Mazili, Antonio Balbino, José Urbino Pinto, José Landi, Artur Maia, Ezequias Jorge, Liberato Capato, Antonio Riani, Rufino Mariano, Deolindo Bonifácio da Silva, Sebastião Bonifácio da Silva, Sebastião Galdino Ramos, João Alves, Jarbas Leme, José Guedes Filho, José Paixão, José Fernandes e José Hotum Júnior.

Combateram no setor de Caconde, e no de Campinas-Pedreira.

BATALHÃO 7 DE SETEMBRO

Alcides Vargas e Raniéri Mazili.

Entraram em fogo na região do Túnel.

LEGIÃO NEGRA

José Badia e João Batista de Almeida. Receberam batismo de fogo em Capão Bonito e depois foram para Fundão, onde o último foi ferido.

CAVALARIA RIO PARDO

Brasílio de Oliveira Martins.

Combateu em Buri.

BATALHÃO S. SIMÃO

Vicente Lacerda, Amélio Justino de Bastos e Assur Bitencourt. Receberam batismo de fogo no Norte, sendo que Assur Bitencourt foi ferido no setor de Silveiras. Restabelecido recentemente, ficou, entretanto, com defeitos físicos.

BATALHÃO FERNÃO SALES

Benedito Corrêa.

Entrou em fogo em Buri.

BATALHÃO N. S. APARECIDA

Clodoaldo Nicolini.

Entrou em fogo em Lorena.

BATALHÃO 9 DE JULHO

Dário Pereira Dias.

Combateu no Norte.

BATALHÃO SANTOS DUMONT

Mário e Carlos Samuel de Sousa, Álvaro Martins e José Martins de Oliveira Filho.

Não chegaram a seguir para o front. Auxiliaram o policiamento da Capital.

DELEGACIA TÉCNICA DE FAXINA

Dr. Antônio Mazili Filho.

VOLUNTÁRIOS, CUJOS BATALHÕES, INORAMOS⁶:

Antonio de Souza, João Camargo, Sebastião Prudêncio, Artur Cassemiro, Benedito Vieira, José Restife, Benedito Marques, Luis Benedéti, Lázaro Inácio, Amador Ferrari, Benedito de Oliveira, João Barbosa, João Bárbara, José Galdino, José Lázaro Rabelo, Odilon de Menezes, Petrilo de Andrade, Ventura del Rio, Benedito Corrêa, José Albino Pinto e Joaquim Felipe.

Todos partiram – corações em flor – para a guerra santa.

Não choraram, por isso, as mãis⁷ e as esposa. Os pais não calcaram aos pés a vontade dos filhos. Não. À sua partida, um abraço de afeto e de esperança, uma

⁶ “INORAMOS”: “IGNORAMOS”.

⁷ “mãis”: “mães”.

medalha em cada peito, um sorriso em cada lábio e um pensamento em cada crâneo, eternizado na legenda Deus e Pátria.

Partiram. Dias depois, a primeira notícia. O batismo de fogo. Os episódios de angústia, de miséria, de dor, de luto. Os episódios de heroísmo, de sacrifício. Todos, porém, a postos, sem desânimo e sem desfalecimento.

Muitos deles aqui voltaram, licenciados. Refeitos das cruzeiras das batalhas, logo regressavam a cumprir, de novo, o seu dever.

E cumpriram-no galhardamente, lutando e dando soberbas provas de bravura e heroísmo. Alguns caíram prisioneiros. Entretanto, a maioria combateu até o final das hostilidades. Todos eles, de novo em Caconde, ai estão dignos de São Paulo porque não traíram a fidelidade jurada.

XXXXXXXXXXXX

Radio. Jornais. Cartas Geográficas.

DEVIDO à carência de meios de comunicações rápidos, muitas vezes, a certas horas, ficava suspenso o pensamento dos homens e apreensivo o seu espírito, graças aos boatos alarmantes que saltavam diabolicamente, sem que jamais tivessem tréguas.

Cada qual, - e assim eram todos, - desde a minúscula criança até o velho decrépito, na ancia de embriagar-se nas notícias da guerra, iludindo-se ou desiludindo-se de vez, na ancia de conhecer os detalhes de um episódio narrado por alguém ou publicado na imprensa, na ancia de querer mergulhar os seus desejos e a sua vontade de obsorção nas linhas e entrelinhas dos comunicados oficiais, afim de aspirar e respirar toda a essência capaz de galvanizar a sua consciência intranquilisada – cada qual – impetuoso, nervoso, sôfrego, sedento, - disputava matutinos e vespertinos, saltava às ruas para interromper e interrogar alguém, disputava logares na residência do Dib, na do Biondi, na sede do “Club Fenianos”, onde aprumava os seus ouvidos à audição do rádio – cada qual – debruçando-se, de minuto em minuto, sobre a carta da zona beligerante, interrogando-se a si próprio, compondo posições estratégicas, prevendo fracassos, vaticinando triunfos, discutindo prós e contras, comparando, argumentando, desfazendo equívocos, porque tudo isso era ancia de conhecer, de

compreender, de fixar as realidades, - cada qual – repito, todos os dias, a todos os instantes, corria daqui para ali, entregando-se a esse mistério que já era uma profissão habitual de fé, da qual necessitava desobrigar-se pontualmente.

Para saciar a sede do espírito só havia um remédio. E o remédio era esse.

XXXXXXXXXXXX

Em tempo de Guerra

ROMÃO GOMES, quando ocupou a cidade de Guaxupé, que dista de Caconde cerca de 30 quilômetros, não teve outro intuito se não levar ao povo montanhez o carinhoso abraço de São Paulo, inspirado, como sempre, na vigorosa e indefetível tradição de fraternidade mantida pelos dois grandes Estados.

Mas, ao fados, quando perdem o sentido real de sua verdadeira razão de ser, pintam, às vezes, de negro, o panorama das realidades, resultando daí a desilusão, que se manifesta inexoravelmente nos espíritos, como vagalhões que num oceano se agitam tumultuosamente, e que a natureza, mais tarde, se incumbe de aplacar.

Poucos dias estiveram os paulistas em Guaxupé. Não foram compreendidos pelos mineiros.

As forças comandadas pelo Major Lemos puzeram-se em choque com as tropas constitucionalistas, tendo estas 11 baixas, das quais dois mortos.

Em 21 de Julho, à noite, correu nesta cidade, de boca em boca, a notícia de que no combate travado nesse dia em Guaxupé, muitos soldados da Lei haviam ficado feridos, e que não tinham assistência médica.

Afirmaram mesmo que numerosos paulistas estavam sendo hospitalizados em várias fazendas do município de Tapiratiba, situadas na fronteiras.

Diante de um fato dessa natureza, o povo de Caconde ficou boquiaberto e penalizado.

Imediatamente o Dr. Carmo Mazili e Dr. Salvador Ielo, médicos, acompanhados do farmacêutico Francisco Barboni e do cirurgião-dentista Moacir Vargas de Sousa, resolveram prestar-se e partir com destino à zona de guerra, onde pudessem socorrer todos os bravos que dos seus serviços profissionais necessitassem.

Eram 22 horas. Partiram a sós, num automóvel, em que conduziram os medicamentos que o caso reclamava.

Entretanto, passando por Tapiratiba, ali avistaram com s Dr. Pessoa que carecia de fundamento o boato.

Existiam, em verdade, alguns feridos paulistas que vinham sendo cercados de todo conforto na própria cidade de Guaxupé.

Em tempo de guerra...

XXXXXXXXXXXXXX

Caconde guarnecida

22 DE JULHO. Sexta-feira. Dez horas. O grupo escolar local havia sido requisitado pela Prefeitura, afim de servir de aquartelamento às forças constitucionalistas, que estavam a chegar.

Caconde ia ser guarnecida. Precisava sê-lo, visto que, nas fronteiras, contingentes numerosos de tropas vinham sendo acantonados com aparatos exageradamente belicosos, cujos intuitos ainda não estavam bem definidos.

Propalavam que esse movimento de forças tinha como objetivo único garantir e fazer respeitar um pacto de não agressão mutua entre os Estados de São Paulo e Minas, que alhures havia sido firmado.

Mas a verdade manda que se diga que para tanto não seria necessária tamanha precaução – zelo excessivo, de carinhos a granel, por uma convenção que muito pouco exigia.

Confiar desconfiando, em circunstâncias tais, é a divisa que deve constituir a máxima preocupação dos homens de responsabilidades, que, por analogia ou precaução, têm absoluto dever de adotar e impor medidas que estejam em condições de salvar sempre qualquer situação angustiosa, criada, muitas vezes, pela súbita manifestação de uma surpresa enviperada.

Dão o motivo porque Caconde ia ser guarnecida.

Nessa data, 22, dava entrada nesta cidade, sob aclamações estonteantes do povo, um contingente do 1.º Batalhão da “Milícia Civil”, constituído de voluntários incorporados à invencível coluna Romão Gomes.

Comandava-o o Capitão Falcão, da força pública do Estado. Oficialidade garbosa e distinta. Mocidade de escol e disposta. Ao todo, cerca de 80 homens.

Esse contingente de bravos aqui estacionou apenas treze dias. Durante tão curta permanência foram os soldados hospedados pelas famílias locais, de sorte que, em cada casa, eram recebidos um, dois ou mais para as refeições. Em minha residência hospedei, durante esse tempo, o bravo e simpático voluntário Luis dos Santos, da Capital.

As famílias que deram hospitalidade a esses soldados são: Dr. Carmo Mazili, 2; Jorge Pedro, 2; Domingos Mazili, 3; Sebastião F. Barbosa, 2; Vicente Marino, 1; Dr. Pompílio Conceição, 3; Dr. Salavador Ielo, 3; Moacir Vargas de Souza, 3; d. Ida Mates, 1; José Maringoli, 3; Nicola Consentini, 2; Dib João, 2; Barboni Primo, 3; Mário Costa, 2; Dr. Mariano Boréli, 3; Paulo Infantini, 1; José Mazili, 3; João Orrico, 2; Alfredo Néri, 2; Paschoal Mazili, 2; Antonio Augusto de Araújo, 3; Afonso Moreira, 3; Juvenal Nigro, 2; Pedro Argemiro Vargas, 2; Levindo Alves, 3; Salvador Bruno, 1; Francisco Leonel de Paiva, 6; Marçal Lemes, 1; Ozório de Almeida, 1; João Carlos, 1.

Aos moços desse contingente nada faltou. Nem cigarros, nem roupas lavadas e alizadas, nem guloseimas.

Os proprietários de bars e confeitarias não lhes cobravam artigos miuçalhos que eles não dispensavam, principalmente a tentadora “uca” que Mário de Andrade, no seu folk-lóre da Revolução, “imoralmente” batisou de “moral das tropas”.

Quem se não lembra do Salomé e do Vinagre? Em toda a parte apareciam eles prazenteiros, bem humorados, deliciando a todos com suas chanças orientalisadas, que tantas tristezas desfaziam.

As moças da terra, os rapazes, as famílias, todos se deixavam dominar pela filosofia cativante do Salomé e do Vinagre. É que eles, finos no trato e elegantes na conduta moral, sabiam, com perfeição, espiritualisar a vida...

Tendo já conquistado a simpatia do povo, as famílias de nossa sociedade ofereceram a todos os soldados do Batalhão em apreço um chá, que lhes foi preparado no amplo salão de dansas do “Club Fenianos”, às 20 horas de domingo, 20.

Ao festivo acontecimento compareceu o povo. E a banda musical do Mozart. E dentro do recinto, todas as autoridades civis e a eclesiástica.

Serviram-nos graciosas senhoritas. Ambiente de transcendência simpática feito de alacridade, de sinceridade e de pensamentos soberanamente irmanados ao pé de convicções homogêneas.

Ofertando-lhes o chá, falou, em nome das famílias, o autor deste trabalho.

Agradecendo, orou um voluntário, aliás, estudante de direito.

Durante as saudações e ante aquele borborinho gracioso de emoções purificadas ao calor de um idela triunfante, um vulto, de esplendente simpatia, no seio daquela grandiosa assembléa frenetizada, sentiu-se sacudido, impulsionado, vibratibilizado por aquele acontecimento de fulgurante expressão social e patriótica, e não se conteve.

Ergueu-se e falou também. Era o padre José Aires, naquela época vigário de Tapiratiba e que aqui se encontrava em ofício do seu sacerdócio, substituindo o padre Sebastião Lessa, que, em licença, se achava na capital da República.

Notável tribuno e grande patriota o padre Aires, nordestino alheio a antagonismos, filho de região que Deus plantou para a vida opulenta e que a natureza impele, inclemente, para um martírio e um sacrifício periódico, o padre Aires, - inteligente e bondoso, idealista dos mais ardorosos, investigador admirável das cousas pátrias, - disse naquela noite memorável, o que sentia e o que pensava.

Pensou e sentiu com São Paulo as mesmas entranhadas convicções, a mesma fé que tocava a alma bandeirante, a alma de todo o culto povo desta cabrália terra.

“Se for mistér, eu cairei convosco nas trincheiras,” finalisara ele o seu magistral improviso, que a todos impressionou, deveras, sendo aclamadissimo.

XXXXXXXXXXXXXXXX

Um boato desconcertante

QUANDO chegou ao conhecimento dos moços do 1.º Batalhão da M. C. que um chá ia ser oferecido a eles, não ocultaram certa apreensão de espírito, porque, - disseram – tendo recebido em São José do Rio Pardo homenagem mais ou menos semelhante, em meio dela viram-se obrigados a retirar-se e partir às pressas para Guaxupé, em obediência a ordem superiores.

Ao prazer sucedeu logo o pesar, embora divinizado pelo civismo.

Em momentos tais, essas homenagens são, quasi sempre, prólogos de desditas.

Posto que agradáveis e simpáticas, trazem, entretanto, no seu clarão festivo, um filete de mau presságio que se manifesta subitamente, imprevistamente.

Eis porque os rapazes receiavam, de antemão, que, de novo, a história se repetisse naquele dia.

Dito e feito. Nem bem findara aquele festivo acontecimento, aquela reunião tão cordial e comunicativa e logo o comandante Falcão recebia informação expressa de que o inimigo estava em marcha para Caconde.

Fez-se, daí, o pé de guerra. E os caminhões, postos em movimento, iniciaram o serviço de transporte rápido das tropas para os locais estratégicos.

O povo alvorçou. E os comentários mais impressionantes, senão absurdos, fervilharam.

A alegria manifestada, pouco antes, nos semblantes de todos – à festa do chá – dera lugar a que um sentido singularmente estranho viesse obliterar a esperança que confortava todas as consciências.

Mas, tudo isso, de novo se ajustou.

É que a notícia carecia de fundamento.

O inimigo, desta vez, não nos viria importunar ainda.

Um rebate falso. Um “peixe” podre.

O certo, porém, é que essas forças partiram e não mais voltaram a Caconde.

Rumaram para Cascata, onde a luta se travava sangrenta.

XXXXXXXXXXXXXXXX

Um cacondense que foge...

FUGIU para cumprir o seu dever. E cumpriu-o como bom paulista, como bom cacondense.

Quando Romão Gomes regressava para São José do Rio Pardo, de volta de Guaxupé, - era em 21 de Julho – na estação de Itaiquara, à passagem do comboio que

conduzia as tropas, encontrava-se o Salvador Bruno, o João Carlos, o José Francisco Borges e o Pedro Biondi.

Com surpresa dos companheiros, o Pedro Biondi munira-se de um passe.

Ia embarcar. Ia lutar. Ia cumprir o mais sagrado dos seus deveres.

Já não suportaria, por mais tempo, a inércia.

Despedindo-se dos companheiros, confiou-lhes algumas cartas, pedindo fossem entregues à sua família.

E, depois, partiu, mais forte do que nunca.

No dia seguinte foram as cartas entregues ao seu velho pai, o Germano. Este, cientificado do fato, isto é, da atitude do filho, declarou, com alegria “o Pedro fez bem”.

E o Germano é um autentico estrangeiro. Semelhante, porém, a todos quantos logo compreenderam São Paulo.

XXXXXXXXXXXX

Restituição de prisioneiros

***D**URANTE a ocupação de Guaxupé pela coluna Romão Gomes, as nossas tropas tiveram de resistir a um ataque de um contingente ditatorial. A luta, que foi renhida, logo se suspendera, em virtude de ter sido firmado, alhures, um pacto de não agressão mutua entre os Estados de Minas e São Paulo, de sorte que a fronteira seria guarnecida tão somente com o fim de se evitar fosse ela violada.*

Nessa luta houve prisioneiros de lado a lado. Quando se retiraram de Guaxupé os soldados da Lei, os prisioneiros inimigos foram imediatamente restituídos.

E os prisioneiros paulistas, em número de 7, que se encontravam em Muzambinho, somente foram dados à liberdade depois de vários conciliabulos, porque o seu destino já estava resolvido, isto é, seriam encaminhados para o Rio de Janeiro.

Assim, no dia 24, ás 17 horas, chegaram eles a esta cidade, vindo em sua companhia o Dr. Licurgo Leite, chefe político de prestigio nos meios oficiais mineiros.

Esses moços, segundo ordens do comandante Romão Gomes, seriam entregues ao Capitão Falcão, que estava acantonado com os seus homens nesta cidade.

A multidão curiosa, que estacionava em frente ao quartel dos soldados da Lei, logo que defrontaram na curva da praça pública os 7 prisioneiros paulistas de barbas negras e longas, levantou vivas a São Paulo e ao exército constitucionalista.

Porém, como ainda era de espetativa a atitude do governo de Minas, impunha-se a necessidade de serem evitados melindres. A serenidade de animo importava, no momento, num princípio de consagração fraternal entre São Paulo e aquele Estado. Daí o motivo porque vivas entusiástico foram também levantados à Minas e ao seu nobre povo.

Ladeavam o Dr. Licurgo Leite, á entrada dos prisioneiros paulistas, os Srs. José Francisco Borges Júnior, prefeito municipal, e Pascoal Mazili Neto, coletor estadual, ambos desta cidade, e figuras de relevo no nosso meio social e político. Outros cavalheiros distintos de Muzambinho faziam parte também da comitiva.

Entraram na sala do comandante Falcão e, ali, de acordo com as normas protocolares e entre os cumprimentos recíprocos trocados, eram os soldados paulistas restituídos à liberdade, os quais receberam dos seus companheiros e dos civis em geral provas de simpatia e solidariedade que, sobremodo, os sensibilizaram.

Após a solenidade do ato da restituição, eu, em nome do povo, levantei-me e exaltei aquele acontecimento, fazendo várias considerações oportunas e, ao mesmo tempo, enaltecendo as tradições de liberalismo do povo mineiro, da sua inabalável fé cívica que em todos os tempos constituiu o seu postulado de amor às leis e à ordem, postulado esse, então recentemente cristalizado no pensamento do grande Artur Bernardes que, em manifesto magistral à nação se declarava solidarizado com o movimento paulista porque “para São Paulo havia se transportado a alma cívica do Brasil”.

Respondeu-me o Dr. Licurgo Leite, Fazendo justiça a São Paulo e ao seu povo, não escondeu, entretanto, a animosidade de suas convicções. Declarou, ao terminar, São Paulo e Minas em campos opostos. E essa era a declaração, a palavra formal de um chefe.

Descobriu-se, pois, o inimigo. Triste decepção! Estava desfeita a lenda. Os pactos firmados não passariam, talvez, de meros e inúteis “farrapos de papel”.

O povo, num esforço inaudito, ante essa confissão categórica, soube conter-se para suportar tão dolorosa realidade.

XXXXXXXXXXXX

Duas visitas inesperadas

O DIA 24 foi, como se costuma dizer, uma data invulgar, de recheios para a história da revolução em Caconde.

Logo pela manhã – eram 9 horas – um automóvel da capital do Estado chegara a esta cidade, conduzindo quatro cavalheiros desconhecidos.

A possante máquina estacionara em frente ao grupo escolar, onde estavam aquarteladas as forças do capitão Falcão.

Como é hábito comum, mormente em situação como aquela, o povo, aguçado pela sua natural curiosidade, aproximou-se daqueles homens e depois de te-los identificado com as devidas reservas, entrou a fazer-lhes indagações afim de que algo de novidades lhes transmitissem sobre a marcha dos acontecimentos e operações em geral. Tinham vindo da capital e, por isso, deveriam conhecer melhor a situação.

Entre esses viajantes, dos quais dois vieram em visita a filhos seus que estavam incorporados às forças desta cidade, havia um meu amigo, o Misael Alves de Araújo, residente há 50 anos presumíveis em minha terra, e um conterrâneo distinto, o Onofre Bastos, meu dileto colega de infância, que a força do destino, em tenra idade, separara de mim e de minha terra, motivo por que custamo-nos a reconhecer.

O Misael, sabendo-me residente em Caconde, poz-se logo à procura de mim. Topou comigo. Era à hora do almoço. Trocadas amabilidades, fez-me companhia, que me envaideceu.

Depois, narrou-me as peripécias da viagem.

Falou-me do meu velho progenitor – o meu bondoso e honrado pai – dos manos em geral e particularmente do Paulo que, apesar dos seus 18 anos, já havia partido para as linhas de fogo, no dantesco sector do sul, a lutar pelos ideais de São Paulo.

Falou-me, depois, do entusiasmo do povo bom e laborioso de minha terra – Santa Rita formosa e adorável – e da sua vontade forte em colaborar na guerra redentora. Cerca de 300 santaritenses acorreram ao brado de reunir. Partiram e lutaram corajosamente. Á sombra da bandeira de Redenção do Brasil, que se desfraldara no alto da coluna do Ideal, bateram-se como tigres os filhos heróicos da

abençoada terra que me viu nascer e que há de fender-se, um dia, para trancar a minha existência num túmulo quente de afeições e de saudades...

Casou-se me orgulho o conhecer essa página fulgurante que os meus bravos conterrâneos escreveram para a história de minha terra. Para eles, o carinhoso e afetivo amplexo deste irmão longínquo.

Conhecer o Misael, como o conheço, é felicidade. O seu caráter impoluto e as suas maneiras de tratar levam-no á conta de uma personalidade que todos desejam conquistar e manter intáta, visto que, junto dela, desfruta-se uma amizade sempre imprenada de superioridade moral e espiritual.

As declarações e afirmativas do Misael, são, pois, dignas de crédito.

Contou-me, nesse dia, duas notícias, impressionantes: a morte do bravo comandante Salgado e versões de que a Marinha de guerra havia aderido ao movimento constitucionalista.

Há notícias que, no fundo, se chocam entre si, como no caso em apreço. Uma dolorosa e outra regosijante. Entre o pesar e a alegria do espírito da gente inferiorisa, porque perde o sentido de manifestar-se.

A ser verdade a morte do comandante Salgado, mil vezes desejar-se-ia a mentira da adesão, de fato, de nossa Marinha de guerra.

Entretanto, logo no dia seguinte, a imprensa publicava a veracidade do luto paulista. Salgado deixara de existir.

Quanto à Marinha, nenhum comunicado. Dura realidade!

São Paulo foi golpeado assim, nessa luta gloriosa. Perdeu valores que não poderia jamais perder. Alguns, aqui dentro, que já estavam identificados com o ideal comum e outros, lá fora, vencidos ou pela adversidade dos acontecimentos ou pela sedução das promessas do adversário.

Nesse dia, à tarde, o Misael e seus companheiros partiam rumo à Santa Rita, numa despedida de saudades, sonhando, como todos, a realidade do triunfo final.

XXXXXXXXXXXX

Imprensa da terra

HAVIA em Caconde dois semanários. “A Sentinela”, do Cassiano Dias e a “Cidade de Caconde”, do Febrônio de Almeida.

Por motivos relevantes, o primeiro vinha há tempos deixando de circular.

A “Cidade”, a despeito das dificuldades próprias de um jornal do interior, saía a público de quando em quando, estampando o movimento constitucionalista, a par de colaborações sobre o assunto em foco, entre as quais contava-se a minha, embora modesta.

Todavia, fez a “Cidade” tudo o que lhe fora permitido fazer em prol da santa causa.

Um outro órgão saiu a lume nesta cidade, durante o período da Revolução.

Foi a “A Tribuna”, dirigido e orientado por Alfredo Las Casas.

Esse semanário pugnou também pelos ideais revolucionários, tendo tido plena aceitação pública.

XXXXXXXXXXXXX

Caconde revelada

DEVIDO á situação militar que envolveria a zona norte, trancando a passagem para o Rio de Janeiro e Belo Horizonte, todos quantos se viam na contingência de viajar com destino áqueles cidades, onde tinham interesses a tratar, muitos dos quais políticos, não viram outro meio mais viável que o de infiltrar-se pelas nossas fronteiras com Minas, preferindo o contato e a incursão pela zona servida por Caconde.

Na peor das hipóteses, a revolução, nesse caso, para alguma coisa concorreu.

Revelou Caconde. Tornou-a vista e conhecida por forasteiros inúmeros que aqui aportaram e que por aqui transitaram.

Forasteiros, combatentes, generais, civis de notoriedade política e social que, em tempos normais, não se predisporiam a vir até esta cidade, por falência de interesses e de motivos.

Durante o período revolucionário cerca de 3.000 pessoas por aqui transitaram, contando-se, está claro, os combatentes em geral. E entre estes, muitos nortistas como baianos, pernambucanos, paraibanos e sergipanos.

Dos civis, convém sejam destacadas as individualidades de Fernando Costa e Aureliano Leite, que, de passagem por Caconde, quando da ocasião em que foram parlamentar em Minas com o Sr. Gustavo Capanema, fizeram sua refeição na sede da fazenda Conceição, de propriedade do Sr. Antônio Mazili, que lá se encontrava com toda a sua família.

Eram, pois, viajantes de toda categoria, procedentes do Rio ou de São Paulo, que vinham tratar de interesses da guerra, ou então, como aconteceu a muitos, procurar um refúgio, um lugar seguro, onde pudessem ficar a salvo de crudelíssimas perseguições que os ameaçavam dentro do seu próprio Estado.

E nessa lufa-lufa, nesse vai-vem incessante, os espiões, certamente, não perderam a oportunidade para agir, concertando planos e fixando perspectivas, tudo em benefício de um para prejudicar outro dos litigantes.

É a força da guerra e são os seus imperativos que a tanto conduzem os homens.

Caconde diante de tudo isso, tornou-se revelada. Hoje, conhecem-na lá fora como uma expressão formidável de civismo e de bravura.

XXXXXXXXXXXX

A voz de um filho dileto

QUANDO rebentou o movimento constitucionalista, achava-se, a passeio, na capital do Estado, o distinto jovem cacondense bacharel Alcides Vargas.

Colhido, assim, de surpresa, não hesitou, porém, em alistar-se ao lado das tropas da Lei, recebendo, como é natural, as instruções e equipamento que reclama a guerra, antes de partir para as linhas de fogo. Durante os primeiros dias, o Dr. Alcides

Vargas permaneceu, portanto, na Paulicéa, ultimando os seus preparativos afim de, concluídos, marchar para os combates.

Antes, porém, de fazê-lo, resolveu falar à sua terra, ao povo de Caconde em geral e, particularmente à sua geração que concitou desse a São Paulo, com dignidade, todas as suas reservas morais, físicas e materiais.

E falou numa noite fria de Julho, á uma assistência febril, que enchia literalmente o recinto da sede do “Club Fenianos”, onde se encontrava instalado um recetor radiotelefónico.

Falou ao microfone da “Educadora”, eram 10 horas. Entre os ouvintes figuravam, radiantes e orgulhosos, os seus dignos progenitores e irmãos. Radiante e orgulhosa, toda aquela assistência, toda Caconde afeiçoada á voz de tão dileto filho.

Depois de terem discursado notabilidades do mundo cultural de São Paulo, como Paulo Setúbal, que todas as noites deliciavam os espíritos longínquos de Piratininga e do Brasil com as suas fulgurantes e comovedoras exortações patrióticas, todas pontilhadas e imprenadas de radiante civismo e pura brasilidade, o “spiquer” da “Educadora” anunciou que ia falar, naquele instante, ao povo de Caconde, o Dr. Alcides Vargas.

E falou, sendo ouvido com atenção religiosa. Falou como aqueles grandes tribunos do radio. Falou como aquelas mentalidades vigorosamente expressivas, que, a serviço da Lei, todo o Brasil ouviu e, entretanto, não soube compreender.

Falou, como eles, o jovem, e talentoso e culto filho desta terra, ao seu povo, á sua gente, aos seus irmãos, sob o domínio de um impulso de terno amor patriótico, de refletido rasgo bandeirante, coerente com São Paulo e, acima de tudo, coerente com o postulado que abraçou.

Caconde aplaudiu-o e compreendeu-o. Em resposta deu-lhe, em atos e fatos, o testemunho da sua solidariedade e do seu apoio.

E assim teria de ser, visto que o exemplo concreto ressaltava aos olhares de todos.

Emita-lo, seria virtude. Acompanha-lo seria honra.

Como filho deste rincão abençoado, Alcides Vargas, soube compreender o momento. Foi o primeiro que se alistou e o primeiro a marchar contra a Ditadura, lutando no setor Norte. Marchou e lutou, cumprindo com abnegação o seu dever.

XXXXXXXXXXXX

Uma guarnição heróica

COM a partida dos pelotões do Capitão Falcão para a zona de Cascata, deu entrada nesta cidade, no dia 25 de Julho, um contingente de pouco menos de cem homens, todos voluntários alistados no batalhão “Francisco Glicério”. Trazia como comandante a figura simpática do Capitão Pinheiro, da força pública do nosso Estado, vindo como auxiliares seus os oficiais Tenentes Sodré, Plínio Amaral e Wosgrau.

A chegada desse luzido contingente deu-se pela manhã, às 8 horas, e, à sua passagem pelas ruas da cidade, recebeu entusiásticas aclamações populares, a que correspondeu com gestos e expressões de júbilo intensamente patrióticas.

VIVA SÃO PAULO! TUDO POR SÃO PAULO! – eram os seus gritos de expansão guerreira.

Esse contingente era constituído em grande parte de filhos de Campinas – a Princesa d’Oeste – que, mais uma vez ao pé do tumulto dos seus antepassados ilustres, pugnou, com ardor, pelo triunfo das idéas que São Paulo fez florescer na consciência nacional.

Recolheram-se ao edificio do grupo escolar, onde ficaram acantonados durante um mês.

Como havia acontecido aos seus antecessores, tudo lhes foi, também, facilitado pelas autoridades e povo.

As refeições que lhes eram destinadas com abundancia e escrúpulo foram, a principio, preparadas no Hotel Brasil, do velho Conrado, a expensas da população.

Decorridos os primeiros dias, resolveram os directores da M.M.D.C. local, com a anuência do comandante Pinheiro, estabelecer e montar cosinha própria, que funcionou, antes, no amplo prédio, em conclusão, da Santa Casa, e, mais tarde, noutro situado em frente ao grupo escolar, onde as forças estavam alojadas.

O serviço de cosinha, feito por hábeis profissionais como João Procópio, o Berozi e o Jorgito, estava sob as vistas e administração competente do Artur Mates, que, na arte culinária, é autoridade de renome.

Anexa à cosinha instalara-se a despensa à que não faltaram, jamais, gêneros alimentícios abundantes e de primeira qualidade, mercê, tudo isso, do prazer e da

excelente boa vontade com que fazendeiros, comerciantes e particulares atendiam, de súbito, aos apelos feitos pelos que assumiram a responsabilidade desse cometimento.

E desse compromisso todos se desobrigaram de forma elogiável e impecável.

Passavam-se, assim, os dias num mixto de relativo conforto e de apreensão oculta.

Depois, de vez em quando, lá iam, ás levas, para outros setores os soldados desta guarnição. E foram tantos que, ultimamente, aqui ficaram apenas 36 homens e o bravo comandante.

Desses, alguns, músicos exímios que eram, deliciavam todas as noites, aqui e acolá, as famílias com seus estros sentimentais e evocativos, executados ao piano e ao violino. Entre eles, o celebre maestro Monteiro, de Campinas, que aqui se popularizou.

Formosa mocidade! Não tardou escrevesse ela a sua façanha épica, o mais fulgurante episódio de emoções que Caconde sentiu e contemplou.

XXXXXXXXXXXX

Delegacia Técnica

O GOVERNO revolucionário instituiu as Delegacias Técnicas, com numerosas atribuições concernentes à guerra.

Para exercer as funções de Delegado Técnico dos municípios de Caconde e Tapiratiba foi nomeado, com honras de Major, o Dr. Luis Pereira de Almeida.

Tomando posse do cargo, essa autoridade fez instalar a sede de sua repartição no prédio da Prefeitura local, sendo, mais tarde, transferida para o edifício onde funciona o Fórum.

Como auxiliar do Delegado Técnico funcionou o sargento Reinaldo de Paula.

Logo de início, tomou o jovem engenheiro as providencias que a situação impunha.

Recenseamento de gado, estatística de gêneros, registro e veículos e sua avaliação, relgularisação quantitativa da gasolina existente e regularisação do seu consumo, tudo isso foi feito e organizado com zelo e eficiência.

Entre as atribuições do Delegado Técnico figuravam o serviço de censura da correspondência, a expedição de salvo-condutos, a fiscalização sobre o consumo de produtos da terra, etc.

Posto que patriótica a finalidade desses departamentos, estamos, todavia que eles poderiam perfeitamente ser dirigidos e controlados pelos prefeitos e delegados de policia, que, por força dos seus cargos, estavam melhor orientados e aparelhados para realizar, com mais eficiência e mais solicitude, tão nobre tarefa.

Acresce ainda que o prefeito e o delegado de policia, mais em contato com a população, melhormente concorreriam para conciliar os interesses da Revolução com os do povo, visto que destes conheciam os anseios e daquela a finalidade.

Sendo ambos – povo e revolução – corolários do ideal comum, que aos prefeitos e delegados de policia, como autoridades da imediata confiança do Governo, cumpria zelar e salvaguardar, está claro que o departamento de uma Delegacia Técnica, nas mãos deles resultados outros teria demonstrado.

Num movimento como esse, que empolgou tanto a opinião pública, em que o povo tudo estava dando para o bem de São Paulo, só uma cousa se poderia tolerar numa autoridade: a sua sinceridade e a sua inergia dentro da lei.

Vaidade tola de superioridade funcional, preconceitos de alinhamento retórico e burlesco ou de aristocrática imponência inapreciativa, tudo isso, em momentos tais, degrada, ao envez de dignificar.

Se o Delegado Técnico de Caconde tivesse compreendido o povo desta terra e com ele se identificado, certamente teria realizado muito mais do que conseguiu.

Se mais não alcançou é porque conservou-se sempre acima do seu cargo, isto é, fascinado pelas roupagens com ele próprio o enfeitou.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O inimigo da fronteira

A CHARADA da fronteira já estava decifrada. Decifrara-a o Dr. Licurgo Leite no improviso que pronunciou no nosso grupo escolar, na tarde de 24 de Julho, confessado, alto e bom som, “Minas e São Paulo em campos opostos”.

Entretanto, mesmo assim, apesar dos pezares, a confiança não se abalou de todo e acreditava-se ainda que ulteriores contramarchas viessem desautorisar, por completo, tão inditosa convicção.

No horisonte pairavam ainda projeções de uma restea de luz. Era o crepúsculo de uma derradeira esperança.

Ilusão, tudo isso! Em breve apagou-se o clarão no tálamo dos horizontes.

Estava consumada a realidade trágica e inevitável.

O inimigo manifesto vinha arquitetando uma nova aurora, a aurora das batalhas processadas para combater um ideal que a sã consciência do povo bandeirante rebuscou nas cinzas de uma Civilização estrangulada, para defender e salvar.

E a luta se desencadeou, daí a dias.

Combateu-se o ideal, é verdade. Mas um ideal não morre nunca. Morrem os idealistas, ficando sempre de pé o ideal que triunfará um dia.

XXXXXXXXXXXXX

Aprensões e precauções

NO mês de Agosto a luta assumira proporções de grande vulto em todas as frentes beligerantes.

Constava, entre nós, que o comando supremo das tropas ditatoriais, poderosamente reforçadas, então, com o concurso de belipotente milícia mineira, havia planejado uma infiltração no nosso Estado, visando, dessa vez, toda a extensão da linha Igarapava-Bragança, de sorte que não ficaria um reduto que não fosse atingido, pondo, assim, em choque toda a vitalidade e pujança militares do exército da Lei.

Duvidar desse plano – quando atitudes outras estavam definidas, quando compromissos recentes, de novo se acordavam – seria temerária ingenuidade nossa.

A projetada ofensiva dar-se-ia, inexoravelmente, dentro de pouco tempo, tais os intuitos belicosos manifestados pelas colunas de guerra que, sem cessar, vinham aquartelando-se nas visinhas cidades montanhosas.

Diante disso, os chefes dos exércitos constitucionalistas não poderiam mais continuar inativos e, daí, o imperativo das precauções e a adoção de medidas que a situação criara, organizando-se, pois, a defesa contra qualquer possível tentativa de incursão por parte do inimigo.

Em Caconde, portanto, abriram-se trincheiras, estabeleceram-se comunicações e, ao mesmo tempo, um serviço de vigilância rigorosa e constante foi severamente praticado, de maneira que fossem evitadas ou sustadas quaesquer surpresas desagradáveis, isto é, um inesperado fracasso que, a verificar-se, cobriria de reprovável opróbrio os que tinham sobre si a responsabilidade de conservar intangível a integridade do solo paulista e o renome das nossas tradições.

Mas, ao leme da nau de Caconde, estava um militar de pulso forte.

O Capitão Pinheiro – duas vezes herói – tudo isso preveu e contra tudo isso se precaveu.

Os dias foram, assim, decorrendo.

Não tardaram, porém, as ameaças do inimigo.

Nas proximidades de Santo Antonio da Barra, já em território paulista, grupos de soldados da Ditadura vinham, de quando em quando, surpreender os pacatos moradores, exigindo-lhes informações e despojando-os de gêneros e gado que necessitavam para o seu consumo.

No dia 17 de Agosto fora feito prisioneiro o conceituado comerciante João Goulart de Oliveira, estabelecido com casa de secos e molhados nas proximidades daquela zona.

A prisão inexplicável desse distinto jovem paulista, que foi remetido para Muzambinho e dali para Poços de Caldas, além de impressionar a população local e a sua família – prole do velho e conceituado Néca Tomaz – ainda constituiu, está claro, uma hostilidade, ou antes, um brado de guerra contra as forças acantonadas nesta cidade, mais tarde retificado pela invasão que se operou com todos os artifícios que exige a técnica militar.

José Goulart, quando Caconde esteve sob o domínio dos ditatoriais, aqui voltou, trazendo consigo um salvo-conduto do Cel. Amaral, pois havia sido posto em liberdade condicional, tendo esta cidade como “ménage”.

XXXXXXXXXXXXXX

Desfile infantil

AS crianças de Caconde – pedaços de vida acalentados para a glória do porvir – logo que leram e enxergaram estampados nos jornais variados os clichês alusivos ao memorável desfile marcial, que os seus pequenos patrícios paulistanos levaram a efeito, em Agosto, na Capital, e que tanto sucesso alcançou, ficaram doidamente dominadas por esse acontecimento, e, num rasgo instintivamente infantil, resolveram reproduzir em Caconde aquele episódio.

Houve convocação da petizada. A seguir, instrução de emergência. No campo de futebol, todas as manhãs eram eles, aos magotes, disciplinados no rigor dos exercícios.

E para isso lá estava o Mário Rubo, reservista do exército. Eu acompanhava-o diariamente.

Tivemos a honra de ser convidados pelos líderes da petizada afim de auxiliá-los a levar avante o seu desejo.

Dentro, pois, de 8 dias, o exército do Vavá Marçal, patrono da idéia, e do “capitão” Osmar Infantini, comandante em chefe da tropa, estava rigorosamente “mobilizado”, com fanfarra, ambulância e cruz vermelha, que contava cerca de 80 enfermeiras elegantemente uniformizadas.

E não se esqueceram dos pavilhões. Lá estava o do Brasil, oferta do Vavá; o de São Paulo oferecido pelo “Tenente” Antonio Carlos dos Reis – paulista vermelho inigualável – e o da Cruz Vermelha doado pela graciosa “enfermeira” Dilsa Dib.

O exército dos petizes contava para mais de 200 soldadinhos. E todos dispostos a “lutar”. Entre eles destacava-se pelo garbo, elegância e idade “avançada” o Laércio do José Américo, o René do Cocaro, o Nilson do Cassiano, o Quim Neto do Gonçalves, o Heitorsinho do Heitor Ribeiro, o Hélio do Mario Rubo, o Antoninho do Dib, o Grinho do Mario Costa e outros mais que seria difícil enumerar.

No dia 21 de Agosto, domingo, às 17 horas, desfilou pelas ruas da cidade este “glorioso exército da esperança”.

Antes, às 10 horas, ele havia assistido à missa celebrada pelo padre Aires, na matriz local.

O desfile marcial constituiu uma das notas mais expressivas que durante o período revolucionário empolgaram o espírito popular.

Provocou em toda parte por onde passou, vibrantes aclamações. Ao chegar em frente ao quartel onde estavam acantonadas as forças do Capitão Pinheiro, “o exército da esperança” fez alto, prestando àquele bravo comandante, à oficialidade e aos soldados da Lei “continências” do estilo, que produziram agradável impressão.

Depois, prosseguiram os “pequenos voluntários” em direção aos demais pontos da cidade, sendo sempre ovacionados pelas famílias que lhes admiravam o garbo, a coragem e a “eficiência militar”.

Foi, tudo isso, mais uma lição de civismo que ao futuro beneficiará e de que a Pátria se orgulhará.

XXXXXXXXXXXXXX

Capacetes de aço

A *CONTRIBUIÇÃO* de Caconde para a aquisição de capacetes de aço destinados aos soldados da Lei atingiu à importância de 1:500\$000, assim discriminada:

Antonini & Dib, 60\$000; Dr. Raul Carlos Galvão, 30\$000; Gilberto Biondi, 30\$000; Anônimo, 30\$000; Conrado Decéglio, 30\$000; Dr. Pompilio Conceição, 30\$000; Mazili & Comp., 30\$000; Moreira & Mates, 30\$000; d. Maria Catarina de Ávila, 30\$000; Luis Zerbini Junior, 45\$000; auxiliares da Padaria Brasileira, 30\$000; José Martins de Oliveira, 150\$000; Juvenal Nigro, 30\$000; José Silva, 45\$000; Heitor Ribeiro & Comp., 30\$000; Padre Luis Aires, 30\$000; Pedro A. Vargas, Arthur Barboni, Mario Costa, Francisco Nigro, Domingos Mazili Sobrinho, Calimério Bitencourt, José F. Borges Junior, Alfredo Néri, João de Castro, Moacir V. de Sousa, Walter Nogueira, Elias de Carvalho, José Pinto de Couto, José Guerra, Elpídio Maia, Antenor de Sousa, Francisco Tortorelli, Alcindo Moreira, Dr. Carlos Formosinho,

Sebastião Ferreira Barbosa, Dr. Domingos Placo, Dr. Salvador Ielo, Francisco Barboni, Cap. João Hortêncio Vargas, José Tomaz Lelis, Dr. Carmo Mazili, José Mazili, Paulo Infantini, João Nigro, Nicolau Consentini, José Maringoli, H. O., José Mário de Oliveira, Clemente Maringoli, Antonio Corpa, Joaquim Olinto Alves, Amélio Martins, Alípio Martins de Oliveira, Álvaro Martins de Oliveira, Gabriel Guesada, José Carneiro, Pedro Carneiro Filho, Pedro Carneiro, Eleodoro Carneiro, Francisco Cocaro, João de Oliveira Goulart, Luciano de Angelis, João Batista de Sousa, Eleodoro Francisco de Oliveira, Aristão Nogueira, Cristiano Borges, João Marques, Floriano Peixoto de Almeida, Flaviano José de Oliveira, José Fraissat de Almeida e Alcides Mazili, 15\$000 cada um.

XXXXXXXXXXXXX

Donativos (*)

CONTRIBUIÇÃO EM OURO

Dr. Mariano Boreli – Anel de s/ formatura.

Moacir Vargas de Sousa – 2 alianças

José Francisco Borges Júnior – 1 aliança

Antonio Salvador Bruno – 1 aliança

Antonio Augusto de Araújo – 3 alianças

Juvenal Nigro – 1 medalha.

DINHEIRO PARA SÃO PAULO

José de Oliveira Martins – 3:000\$.

Joaquim José de Oliveira Martins – 1:000\$.

Pascoal Mazili Neto – 1:000\$.

GADO

Porcos – 23

Novilhas – 17

Bois – 9

Cavalos – 4

GENEROS ALIMENTICIOS

Arroz – 19 sacos

Assucar – 14 sacos

Feijão – 5 sacos

Café – 2 sacos

Batatinha – 2 sacos

Sal – 1 saco

Macarrão – 134 kilos

Mandioca – 120 kilos

Carne de Vaca- 84 kilos

Carne de Porco – 56 kilos

Banha – 48 kilos

Bacalhau – 22 kilos

Cebolas – 10 kilos

Alhos – 2 kilos

Leite – 425 – litros

Farinha de milho – 90 kilos

Farinha de mandioca – 40 kilos

Sabão – 2 caixas

Sabonetes – 3 dúzias

Bananas – 1.200

Pães – 4.800

Queijos – 29

TECIDOS

Camisas – 9

Cuecas – 200

Lenços – 60

Casquetes – 36

BINÓCULO

João Lemes Marçal (ao Cap. Pinheiro) – I

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

(*) – *Dos 19 sacos de assucar arrecadado, 10 foram oferecidos pelo Sr. João Batista de Lima Figueiredo, proprietário da “Usina Itaiquara”.*

Os tecidos – cuecas e casquetes – constituem serviço manual das senhoras e senhoritas locais.

- Todos os farmacêuticos da cidade não quiseram cobrar aos soldados da Lei todo e qualquer serviço de farmacologia e de uma manipulação.

- O gado e os gêneros alimentícios são donativos feitos pelos comerciantes, lavradores e criadores do município, classes essas que, como sempre, deram provas do seu valor sobejamente reconhecendo como padrão de filantropia e civismo.

Deixo de publicar, aqui, a lista nominal, por ser excessivamente longa.

- As 2 padarias locais – uma do Mario Costa e outra do Alfredo Néri – estiveram a serviço dos soldados paulistas, contribuindo, cada uma, com mais de 5\$000 diários de pão, enquanto aqui permaneceram.

Concurso valioso e significativo esse, que tanto enaltece os predicados de cultura cívica de que sempre dera demonstrações o Mario Costa e o Alfredo Néri.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Uma luta de 26 horas

AGOSTO, 25. Manhã cálida e modorrenta. Eram 6 horas.

A população dormia ainda os últimos minutos que o hábito de Morfeu impõe às criaturas do universo.

O Capitão Pinheiro, que conservava vigilante no seu posto de honra, recebera, então, três avisos loconicos, porém, categóricos, indubitáveis.

O primeiro, do centro telefônico de Tapiratiba, ás 6 horas, comunicando-lhe que tropas inimigas marchavam para Caconde, afim de ocupa-la militarmente.

É que essas tropas procediam de Muzambinho.

O segundo, ás 6 e 30, telefônico também comunicado de uma fazenda deste município.

Finalmente, o último aviso. Fê-lo, pessoalmente, o Mauro Guimarães, eram, mais ou menos, 7 horas.

O Mauro, que mora na fazenda do Banco, situada á beira da estrada de rodagem que vai de Caconde a Muzambinho, notando desusado movimento de soldados que se aboletavam em diversos caminhões, que, por essa estrada, se dirijiam paulatinamente, morosamente, para esta cidade, montou, de súbito, um fogoso animal e, á toda pressa, poz-se á estrada, imperceptivelmente, rumo a Caconde, para notificar o comandante Pinheiro do fato que havia presenciado.

E o Mauro aqui chegou a pé, sem o cavalo que tinha montado.

Estava exausto, impressionado, pasmado. Fizera, num momento, num abrir e fechar de olhos, qual relâmpago, um percurso longo, sinuoso, acidentado, vindo, com tudo isso, esclarecer uma situação de duvida e de incerteza.

Tinha-se, pois, reconhecido o inimigo, que vinha próximo.

Daí, o transformar-se, portanto, Caconde num pé de guerra.

Emquanto as escassas tropas da Lei – 36 denodados jovens voluntários – tomavam posição nas trincheiras construídas nos espigões que contornam a cidade, o bravo Capitão Pinheiro, pelo telefone do P.C., comunicava o acontecimento ao Tte. Cel. Leal, comandante do setor, em São José do Rio Pardo, solicitando-lhe, ao mesmo tempo, reforço e outras providencias.

Já a esse tempo a população inteira da cidade permanecia de pé, apreensiva, porém destemida e confiante na acção dos nossos soldados.

A natureza da notícia que a fez levantar do leito tinha o propósito de impressionar, sem, todavia, apavorar.

Em frente ao P.C. elevado número de pessoas civis oferecia, com animo forte, os seus serviços ao Capitão Pinheiro.

Alguns chegaram mesmo a disputar armas e munições, tendo ido para as trincheiras defender Caconde contra os invasores.

O Mauro Delbuche Guimarães, o Raimundo (Pará), o Vicente Candido de Araújo, o Liberato Capato, o Deoclides Marçal, o José Fernandes, João Barbosa Lemes, o Artur Maia, o João Alves e outro foram, ao pé voluntários, um pugilo de bravos e de abnegados, que a Caconde faz honra.

A sua cooperação, que foi digna e eficiente, mereceu rasgados elogios do comandante Pinheiro.

Às 10 horas regressava a Caconde o valoroso Tenente Sodré, da Força Pública do Estado, à frente de um reforço que daqui havia partido para Igarai, sendo recebido debaixo de palmas e aclamações dos agrupamentos formados às esquinas da rua Wasghinton Luis.

Às 10 e meia horas o Padre Aires percorreu as trincheiras com um breviário na mão.

*Às 11 horas era o Cap. Pinheiro notificado pelo telefone de que lençóis brancos deveriam ser postos em forma de **T** nas proximidades das trincheiras paulistas, de sorte que a aviação constitucionalista pudesse localizar as nossas posições e, assim, bombardear as do inimigo.*

*Feito isso, constou, mais tarde, que a disposição do **T** fora propositalmente colocada ao inverso, isto é, no sentido de causar danos às tropas da Lei, em favor das da Ditadura.*

Prenúncios de traição, está claro. Se se não registraram desastres é porque, felizmente, os aviões não tiveram o ensejo de vir.

Às 11 horas e meia um irrisório esforço de uma dúzia de rapazes aqui chegava, sob o comando do Tte. Eurico, que se multiplicou em esforços de requintado heroísmo.

Eram de Marília esses bravos voluntários. Parca a munição que trouxeram. Todavia, tomaram posição no alto da Santa Cruz. O Tte. Eurico, no reduto de “Sapicado”, veio, mais tarde, a cair prisioneiro dos ditatoriais.

Às 12 horas o Cap. Alírio, também de Marília, acabava de chegar de São José do Rio Pardo, á frente de uns 10 homens. Antes de tomar posição junto dos seus conterrâneos, procurou o Padre Aires para confiar-lhe o dinheiro que trazia, recomendando-lhe que, se viesse a tombar na luta, o remetesse para sua família, conforme o endereço que lhe entregara.

O tiroteio prosseguiu renhido, sem cessar.

Eram 13 horas e ainda os nossos abnegados defensores não tinham almoçado, ou melhor, logrado o estomago com qualquer goloseima. Um automóvel, que ousara conduzir até as trincheiras dos flancos esquerdo e direito a refeição dos soldados, fora atingido pela fuzilaria inimiga, ficando, destarte, impedido de locomover-se. Mesmo

assim, alguma “bóia” foi aproveitada e levada às tropas que operavam no flanco esquerdo da estrada da Conceição.

As do flanco direito dessa mesma estrada, foram, mais tarde, oferecidos sanduíxes e cigarros, de cujo trabalho arriscadíssimo se encarregaram o Braz Perrone e o Salvador Bruno, tendo este se desdobrado em esforços utilíssimo ácausa durante toda a campanha, trabalhando junto ao P.C.

As 14 horas chegava de alhures um automóvel conduzindo 2 cunhetos de munição(!!!), quando é certo que para São José havia partido muito cedo um caminhão com o fim de trazer reforço e munição necessários ao comando das nossas tropas.

Durante o dia compareceram enumeras pessoas ao P.C., ávidas todas elas de colherem pormenores sobre a situação.

Entre elas, o Dr. Carmo Mazili, o Domingos Marino, o João Carlos, o Pelópidas Rubo, o Sebastião Ferreira Barbosa e o José Borges Júnior.

O espetáculo do combate surpreendia é verdade, todas as consciências mas, nem por isso, embaraçava ou detinha todas as vontades.

As famílias, nos seus lares, ouviam, absortas, a principio, o crepitar de algumas centenas de bocas de fogo pequenas, convencidas de que o mundo iria, certamente, deixar-se devorar pelas chamas da guerra.

E tinham razão. Era inédito o espetáculo.

Entretanto, depois, aos poucos, foram suportando com mais resignação os rigores e os imperativos da luta, á medida que ela prosseguia.

É que no seu espírito já se havia criado o instinto e o senso da guerra.

As balas que riscavam o espaço, cruzando-se sobre a cidade, o gaguejar das metradoras e o pipocar da fuzilaria, apresentavam a mesma analogia de um quadro dantesco pintado de misérias humanas.

Dir-se-ia um bailado do aço serpenteando entre o fumo e o sangue em explosões de fúria incoercível, num choque de ideais antagônicos.

O inimigo localisára-se a pouco menos de um quilômetro da cidade. Cerca de 500 ditatoriais, armados até os dentes.

Eram 16 horas, quando o inimigo – 30 soldados aproximadamente – tentou infiltrar-se na cidade pelos atalhos que descem até á olaria situada a uns 100 metros da rua Tapiratiba, ao lado esquerdo do cemitério.

O avanço desse contingente foi imediatamente detido pela fuzilaria dos soldados paulistas que haviam tomado posição dentro do cemitério, obrigando o inimigo a intrincheirar-se no interior de uma casa próxima á olaria.

As 17 horas chegava de São José um reforço de 80 homens, comandados pelo Major José Francisco, da Força Pública, trazendo consigo 1 M.P., 2 F.M. e 2 cunhetos de munição.

Segundo o testemunho de pessoas probas aqui residentes, o Tte. Cel. Leal viera em companhia do Major Francisco, conservando-se, entretanto, fora da cidade, nas proximidades da propriedade do Sr. Manoel Tomaz de Oliveira, tendo, pouco depois, regressado para São José.

O Major Francisco, tendo prévio conhecimento da posição tomada pelo inimigo no local da olaria, ordenou fosse assentada contra ela a pesada “vassoura de aço” que trazia, de sorte que, após longa troca de “amabilidades”, não tiveram os soldados da Ditadura outro meio senão o de abandonar, protegidos pela noite, a sua posição, que julgava inespugnável.

Noite adentro o tiroteio não cessou. Sempre mais violento. Em face da luta horrível todos os corações da gente cacondense ficavam angustiados.

Um aluvião de presságios dominava, então, todos os pensamentos.

A noite chegou negra e macabra.

A chuva impetuosa e cruel não conseguia arrefecer o fragor da batalha.

Os coriscos, nas quebradas do espaço, pintavam de clarões, aqui e acolás as trincheiras feitas para o sacrifício e para as provações.

As descargas da eletrecidade atmosférica, continuas e violentas, ajustavam-se, em comum, aos estampidos e aos ruídos dos fuzis e das metralhadores.

Era, tudo isso, uma audição extravagante produzida ao sabor de uma grotesca homenagem com que a natureza e os homens vivem a exaltar, há séculos, a figura de Marte sanguinário, desse Marte que a Civilização deveria repelir e que não repele porque ainda é adorado pelos estadistas de consciência e mentalidade absolutamente eivadas de sentimentalismos abjetos e indecorosos.

Mau grado o cataclismo dessa noite, lá permaneciam, nas trincheiras, - posoto de honra, de sacrifício e de glória – os nossos denodados defensores, os valentes e bizarros soldados paulistas, experimentados uns, bisonhos outros na arte da guerra, aparando os açoutos e sofrendo os castigos que os elementos lhe infligiam numa fúria indomável.

Emquanto isso, nós outros, recolhidos às delicias e ao conforto do lar, sentíamos piedade e orgulho ao mesmo tempo por esses bravos irmãos de Ideal, que tudo haviam deixado – família, amigos, interesses, profissões – em benefício de São Paulo e do Brasil.

Mas, apesar de tudo, nada faltou nas trincheiras aos soldados da Lei.

De quando em quando, lá recebiam eles, ora o café e quitandas, ora cigarros, ora pães e queijos, tudo preparado, com abundância, no rancho e em certas casas de família.

Desfiando os perigos da contenda, lá iam, como portadores espontaneos e dedicados desses alimentos, o Leôncio, o João, o Deoclides, o Pedro Marçal – irmandade paulista abnegada que tanto concorreu para o bem da causa e para a felicidade e conforto dos soldados constitucionalistas – o Donguito, o Salvador Bruno, o Celeste, o Simão e tantos outros que se notabilizaram pela sua dedicação inexcedível.

À meia noite o Major José Francisco estivera no quartel, onde se encontravam o Capitão Pinheiro e o Salvador Bruno.

Convidado para percorrer as trincheiras paulistas recusou-se, alegando que precisaria voltar á sua posição localizada em Itaiquára.

De fato, para lá se dirigiu o Major Francisco, de onde, munutos após, telefonou ao Bruno, comunicando a sua chegada e pondo os seus serviços á disposição do Capitão Pinheiro, caso fossem indispensáveis (!!!).

Emquanto o comandante Pinheiro percorria as trincheiras – era 1 hora, aproximadamente – o Salvador Bruno transportara um F.M. do Sargento Xavier até o alto da caixa d'agua.

Nesse ínterim, o telefone do P.C. chamava por alguém.

Avisado o Salvador, que trabalhava junto ao P.C. em companhia do Sargento Reinaldo de Paula, da Delegacia Técnica, foi atendido o telefone.

Comunicavam de alhures que viria reforço e, por isso, pediam a senha. A senha era “São Bento” e a contra-senha “Sapucaí”.

O Salvador – prudente e precavido – não quis transmitir a senha, desconfiado, talvez, de alguma cilada.

Procurou o Cap. Pinheiro e narrou-lhe o fato, tendo sido, por esse motivo, aplaudido.

O comandante Pinheiro – sempre muito calmo, mui zeloso e muito forte – partiu a seguir, com destino á saída da cidade, na estrada que vai para Itaiquara, em busca de munições que deveriam existir em certo e determinado ponto.

Não as encontrou, porém. O Major José Francisco tinha-as conduzido para Itaiquara (!!!).

Mais ou menos, ás 2 hora o Oswaldo Rehder, de Tapiratiba, telefonava para o P.C., solicitando informações acerca da situação.

Momentos depois, outro telefonema.

Desta vez era um Tenente que comunicava ter abandonado Moraes Sales com os seus homens (!!!).

E assim ia-se esgotando toda aquela noite de vigília e de angustia.

Mas a inergia e o animo dos soldados constitucionalistas não se haviam ainda esgotado, muito embora já se observassem certas singularidades e condições estranhas que vinham se manifestando em detrimento da causa.

Ás 3 e meia horas o Cap. Pinheiro, colocando uma M.P. no interior de um automóvel sem capota, saiu á cidade e, das esquinas bombardeou, astutamente, as posições do inimigo.

Este estratagema, operado com rapidez invulgar, visava convencer o inimigo de que aos paulistas havia chegado reforço e reforço formidável.

E a luta prosseguiu assim, sem desfalecimento, até ás 6 horas, e nenhuma vantagem havia ainda alcançado o inimigo poderoso.

Todas as portas de Caconde permaneciam ainda trancadas á passagem dos invasores.

Era uma sexta-feira. Manhã de apreensões. A população, que não dormiu, já estava de pé, pensamentos voltados para o trágico panorama da guerra.

Chegou, enfim, o momento em que o sacrificio dos nossos soldados havia atingido o epílogo de toda a sua potencialidade.

Havia ainda, não há duvida, muita energia moral, porém, esgotados estavam todos os recursos materiaes.

Que fazer, pois? Afim de que o brio militar ficasse a salvo de quaesquer julgamentos menos dignos, uma condição única se impunha: a retirada. E o capitão Pinheiro – o herói de Caconde e de São José do Rio Pardo – de olhar severo e coração amargurado – parte, então, para as trincheiras e ordena a todos os seus comandados

que se retirem, com calma e com ordem, de nada se esquecendo nas posições que ocupavam.

Os “Veteranos Campineiros”, surpreendidos com o imperativo dessa ordem, tentaram desobedece-la.

Desejariam, de resto, sacrificar até as suas próprias vidas.

Belo gesto de desprendimento e de renúncia! Todavia, a ordem estava dada. Era imperativa, categórica. Era imperativa, categórica. Era a ordem de um chefe, que tantas provas de lealdade e de heroísmo havia demonstrado.

E a retirada operou-se, pois, sem mais controvérsias e comentários.

Em primeiro lugar, a mando do Cap. Pinheiro, retirou-se o Delegado Técnico com todo o arquivo da Delegacia.

A seguir, o Tte. Eurico saiu pela estrada da Ponte Nova, conduzindo o prisioneiro ditatorial que no começo da luta assaltara uma trincheira paulista, dando voz de prisão aos soldados que a guarneciam, esquecendo-se, porém, de que o seu fuzil se conservava travado. Está claro, portanto, que o tiro saiu-lhe pela culatra. Fora preso pelo Sousa, soldado paulista, valente.

Para melhor garantir a retirada dos seus comandados, o Cap. Pinheiro ordenou fosse assestada uma M.P. no vale situado ao lado direito do cemitério, assim como 2 F.M. no pavimento superior de prédio de Pedro Tortoreli, sito á rua Carijós.

Daí a instantes, desciam por esta rua vários soldados paulistas que vinham acompanhados Tte. Sodré e pelo Cap. Pinheiro que trazia á mão um paralela. Ambos estes oficiais ainda palestraram comigo, tendo tomado café em minha casa, despedindo-se, a seguir.

Á saída da rua Tapiratiba, na estrada de rodagem que vai ter á Itaiquara, estavam á espera e prontos todos os caminhões e automóveis que deveriam transportar os nossos soldados para São José do Rio Pardo.

E, daí a momentos, partiram todos quantos tiveram o ensejo de ali se reunir. Eram 8 horas.

Estava Caconde abandonada, portanto, á sorte dos invasores, mercê das circunstancias acima reproduzidas.

E os sinos da Matriz, momentos depois, repicaram, aos impulsos do inimigo, a balada da dor, da cruciante dor que retalhou de miséria e de angustia todos os corações de Caconde, mau grado tivesse caído de pé.

Ao planger dos bronzes o Cap. Pinheiro ainda se encontrava nas cristas da serra da fazenda Rosa Branca.

Ao ouvi-lo, duas lágrimas lhe rolaram pelo rosto.

Protestos palpitantes da sua dor imensa e de seu grande amor devotado ao Ideal de São Paulo.

Grande soldado. Grande patriota. Grande herói.